

CONFIDENCIAL

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DO INTERIOR

CLASSIFICAÇÃO
SXI FH 13

AUTORIZAÇÃO
CONFIDENCIAL



RELATÓRIOS DOS OFICIAIS EM CAMPO

OFICIAIS Gaspar ZANKO, Insp., Polícia Civil do RS
Iago SOSA, Auxiliar, Polícia Civil do RS
Kiyoshi YAMADA, Sarg, Comando do Exército



MEMORANDO

CONFIDENCIAL

N.º 01/67 - Porto Alegre,RS, 07 de janeiro de 1967

O PÁSSARO FANTASMA

Desde que fui designado para a recém criada Seção XVI, passei as últimas semanas lendo todos os casos reclassificados para a divisão, que incluíam relatos tão antigos como a fundação da vila de Rio Grande e a imigração dos açorianos, que fundariam a futura capital do estado. Fenômenos inexplicáveis, casos inconclusivos, teorias que pareciam navegar para além do senso comum, onde as possibilidades se convergiam para respostas fora do aspecto convencional. A política dos extintos corpos policiais e da atual polícia civil era ignorar tais casos, classificando-os como inconclusivos e encerrando o assunto. A criação da Seção XVI parece querer definir uma nova fronteira para esses casos, apesar da motivação ainda me escapar.

No entanto, dada a natureza dos casos, tomei uma decisão que poderia soar como radical pelos meus superiores ou colegas, mas que parecia adequada para o tipo de evento que estava relatando. Poderia ser resqúcio da minha formação, não concluída, em literatura clássica, abandonada um pouco antes de entrar na Academia da Polícia, ou poderia ser, apenas, uma tentativa de dar sentido a tudo que vi, observei e senti ao investigar cada um dos casos nesses arquivos. De qualquer modo, como poderá observar nas anotações a seguir, resolvi adotar um estilo mais íntimo, com opiniões e sentimentos, deixando de lado o tom frio, duro e impessoal, baseado apenas em fatos e números que formam o cerne do relatório investigativo. Concluí rapidamente que, nos casos reclassificados à Seção XVI, a objetividade só poderia ser alcançada se mesclada ao fator humano, essencial para a compreensão do que houve para as gerações futuras. Os relatórios antigos apenas traziam os fatos, mas não apresentavam a história dos eventos.

Talvez a minha prosa não seja a mais adequada, mas fiz o possível, dada as circunstâncias.

GASPAR ZANKO, Insp.



REPARTIÇÃO CENTRAL DE POLÍCIA

CONFIDENCIAL

RELATÓRIO DE INVESTIGAÇÃO

Caso SXVINº: 10775 - Porto Alegre / RS

Referências: IQM 23.1271

Data: 19/01/1967

Relator: Gaspar Zanko, Insp.

Investigadores de Campo Designados: Gaspar Zanko, Insp., e Iago Sosa, Auxiliar.

Situação: Concluído / Arquivado

* 1 *

Porto Alegre, 19 de janeiro de 1967, 09:20

Tudo o que eu sabia sobre a morte de Salomão do Amaral Netto era seu nome, a idade de 73 anos, o nascimento em São Paulo, capital, e a formação em engenharia elétrica pela Faculdade Politécnica Paulista. O recado que o sargento Yamada me passara ainda informava que o corpo fora encontrado pela senhorita Sandra Rossi, que se apresentou como a secretária.

Deixei os porões do Palácio da Polícia e galguei os degraus de pedra até o último andar, conhecido como Olimpo, onde fui imediatamente recebido pelo chefe da polícia, o delegado Humberto Tavares. Eu só havia estado naquele gabinete uma única vez, quando recebi uma transferência obrigatória para a Seção XVI, que ocupava a parte mais úmida e escondida dos subterrâneos do palácio, onde, imaginei, passaria o resto da minha carreira. Era uma punição silenciosa para alguém que ousara colocar um major do exército na cadeia. Dessa forma, estava tanto surpreso quando curioso por ter sido convocado poucos dias após ter assumido o cargo.

O escritório era amplo e bem montado, com poltronas, um sofá, uma escrivaninha de trabalho repleta de papeis e bandeiras decorando as costas de um homem corpulento, de aspecto envelhecido. A lendária foto do seu garoto estava lá. Ele a levava par todo lugar. Tínhamos isso em comum, apesar do fato não ter gerado nenhuma grama de solidariedade. Há uns quinze anos, mais ou menos, quando ele ainda era apenas um inspetor, seu único filho atravessou a rua e foi atropelado por um carro em alta velocidade. O garotinho tinha apenas sete anos e morreu na hora. O condutor fugiu, mas populares anotaram a placa e ele acabou localizado. Apesar dos evidentes vestígios encontrados na lataria do carro e do testemunho de sete pessoas, o sujeito, o filho de um figurão industrial de Caxias, foi inocentado. Ele perdeu o filho, a esposa cinco anos depois, num divórcio conturbado, e boa parte da fé no sistema judiciário.

- Vou lhe designar um caso - ele disse, apontando para o bilhete que eu trazia nas mãos.



Assenti, sem me mover. Não era comum que o chefe da polícia civil designasse diretamente casos às delegacias, muito menos que realizasse reuniões para lhe entregar detalhes sobre o ocorrido. Ele sabia disso e eu sabia disso, mas nenhum dos dois quis demonstrar espanto com uma situação absolutamente espantosa.

— O indivíduo em questão foi encontrado morto em sua casa. Provavelmente, acidente ou suicídio.

— Quem esteve lá?

— Somente uniformizados — disse, referindo-se à patrulha. — Eles chamaram a terceira delegacia, mas assim que o nome da vítima entrou no sistema, fui informado.

Agora, a questão se tornava interessante.

— Ele era civil — continuou, enfatizando a palavra, — mas estava ligado a um projeto militar. Recebi uma ligação dez minutos após chegarem as primeiras informações.

— Eles vão assumir o caso?

— Você vai assumir o caso — respondeu Tavares, de forma peremptória. — Tem as credenciais adequadas por causa daquela... daquele projeto lá de baixo. Mas as notícias dessa morte devem ser omitidas por motivo de sensibilidade política.

Matutei com aquilo por um momento.

— Vou ter liberdade de ação?

Ele se limitou a sorrir.

— Tanta liberdade quanto qualquer um, nesses tempos — ele resmungou.

Eu o ignorei. Não tinha tempo para gracejos.

— Mas não faço politicagem — ele disse, depois de um tempo. — Se o caso for mais grave, investigue da forma que for mais apropriada. Afinal, um crime é um crime.

— Pode ser — retruquei. — Mas a justiça sempre me pareceu caolha quando mexe com figurões.

Tavares resmungou mais alguma coisa antes de me dispensar.

Desci e fui ter com Iago, lhe entregando um endereço.

A Rural Willys nos levou até a Cidade Baixa e um par de escadas nos conduziu até o terceiro andar do edifício Continental, uma construção dos anos 20 que ainda trazia o charme decadente da década perdida. Os vizinhos olhavam por detrás das portas e uma pequena aglomeração circundava o hall, mas os ignorei por hora, assim como fiz ouvidos moucos para dois jornalistas que lançaram perguntas ao vento. Mesmo que quisesse responder qualquer pergunta, não teria informação nenhuma para dar.

Parei no andar. A fechadura da porta abriu e fechou ao meu toque. Não havia marcas indicando que tivesse sido forçada.

Entrei em um apartamento bem mobiliado e silencioso, com exceção de uma fungada recorrente que parecia vir da cozinha. Vislumbrei um par de pernas torneadas que terminava numa saia recatada. Mãos trêmulas e olhos marejados



completavam a imagem de uma mulher morena de uns trinta anos, desolada, encarando a xícara fria de um chá fraco. Decidi lhe dar mais alguns minutos e segui a fila de guardas que circulavam pelo local, provavelmente destruindo toda e qualquer evidência útil se aquele caso acabasse se tornando mais do que quer que fosse.

Irritado, passei pela suíte principal e cheguei até o banheiro.

— O que temos?

O Dr. Adriano Olsten, nosso patologista-chefe, fora chamado para examinar o cadáver, o que indicava que Tavares não queria se arriscar naquele caso. Ele estava agachado junto a uma banheira de ferro fundido razoavelmente bem cuidada, com pés de latão. Dentro, afundado numa água turva, havia o corpo de um homem já envelhecido. A pele parecia enrugada e flácida, o que indicava que o corpo permanecera um bom tempo submerso.

— Olá, Inspetor — respondeu o médico, sem se virar, enquanto abria e fechava os olhos da vítima com uma espátula. — Ele foi encontrado um pouco depois das nove dessa manhã pela senhorita Rossi, que está na cozinha.

Assenti com um resmungo.

Ele levantou-se.

— Não vi sinais claros de violência, mas conseguimos identificar uma contusão considerável na parte de trás da cabeça e algumas equimoses que parecem ser perimortem.

Apertei os lábios enquanto examinava o ambiente. Havia um pouco de água no chão, além de um sabonete largado de forma displicente.

— Alguma ideia?

— Ele pode ter escorregado ao entrar na banheira, batido com a cabeça e mãos, desmaiado e se afogado. Nessa idade, um traumatismo é o suficiente para desorientar uma pessoa.

Não era uma ideia ruim e provavelmente satisfaria todos os envolvidos.

— Hora da morte?

— Preliminarmente, umas doze horas atrás, pelo menos.

— Ontem à noite — resmunguei, antes de acrescentar. — Há como comprovar a tese do acidente? Ele pode ter sido atacado?

Olsten deu de ombros.

— Eu vou recomendar uma autópsia completa — disse, preenchendo alguns papeis para um guarda, que agradeceu antes de partir. — Também encontrei isso.

Ele me entregou um envelope de papel rasgado e manchado pela água, que fora depositado numa pequena caixinha de plástico para coleta de provas.

— Estava dentro da banheira — ele informou.

Era um envelope comum para remédios, encontrado em qualquer boticário, mas eu não conseguia reconhecer a marca.

— Luminal — o doutor disse, me poupando o trabalho de forçar a cachola. — É um fenobarbital usado como tratamento para epilepsia, mas muitos médicos o



receitam para ansiedade e insônia por causa do seu efeito sedativo. Se ele ingeriu o envelope inteiro...

Ergui as sobrancelhas. Aquilo seria o suficiente para derrubar um cavalo.

— Suicídio — resmunguei.

— Sem nota de suicídio? — ponderou Iago.

— A maior parte dos suicidas não deixa longas cartas descrevendo suas ações — respondi.

— Vargas...

— Deixe Vargas para lá — resmunguei, antes de me virar para o médico. —
Alguna razão para supor isso?

— Se ele fosse mais novo, diria amor — respondeu o doutor, sorrindo. —
Corações partidos. Mas você é o detetive aqui.

— Amor, dinheiro e vingança são os três motivos mais óbvios para qualquer
investigação criminal — ponderei.

O doutor deu de ombros.

— Um exame toxicológico poderá indicar se ele ingeriu alguma coisa ou se há
alguma divergência na contusão da nuca. No entanto, não é difícil afogar um
idoso de mais de setenta anos.

Ele terminou de recolher suas coisas.

— Esperem o resultado para as próximas semanas. Senhores.

Ele se afastou e eu fiquei examinando a cena por mais um momento. Calcei um
par de luvas e ergui levemente a cabeça do sujeito, procurando sinais da suposta
pancada que o levaria a perder consciência. Além do grande hematoma na nuca, não
havia nada. A banheira parecia intacta, o que não queria dizer grande coisa. Uma
pancada acidental numa banheira de ferro dificilmente deixaria marcas.

Passei um pente fino no banheiro, enquanto Iago tirava fotografias, mas não
encontrei nada digno de interesse, além de um par de alpargatas, um roupão
listrado já bastante surrado e roupas íntimas.

De volta ao quarto, um exame superficial não me disse nada. A cama estava
desarrumada, com um pijama escuro estendido. Não havia gavetas abertas ou
quaisquer indícios que poderiam fornecer elementos que indicassem uma revista.

Segui até a cozinha e encontrei a secretária, uma mulher de trinta e dois
anos, com grandes olhos e cabelos castanho-escuros, bem apessoada.

— Devo compreender que foi a senhorita que encontrou o falecido? —
perguntei, depois de me apresentar.

Ela havia largado a xícara de chá pela metade em cima da mesa. Seus olhos
continuavam marejados e suas mãos ainda tremiam, mas sua voz denotava um
controle um pouco melhor sobre suas emoções.

— Sim. Um pouco depois das nove horas.

— A senhora trabalhava para ele? — perguntei, puxando uma cadeira e
tomando meu bloco de anotações.



REPARTIÇÃO CENTRAL DE POLÍCIA

CONFIDENCIAL

— Não — explicou. — Eu trabalho no Batalhão de Intendência e Logística. Sou uma secretária civil — acrescentou, sem necessidade. Afinal, o nosso braço forte e mão amiga não parecia carecer da ajuda feminina, a não ser para carregar o cafezinho ou bater relatórios.

A próxima pergunta era óbvia e constrangedora, mas precisava ser feita.

— Então, o que estava fazendo aqui?

Ela enrubescou antes de responder.

— O Sr. Amaral Netto não apareceu. Isso era estranho. Nós trabalhamos juntos nos últimos dois anos e ele nunca se atrasou. Nas raras vezes em que precisou se ausentar, me manteve informada sobre suas andanças. Eu achei estranho. Liguei para o prédio e o porteiro me informou que ele não havia saído do apartamento. Resolvi ver o que estava acontecendo. Um soldado me trouxe.

Me lembrei do Jeep verde estacionado do lado de fora. Então, fiz um gesto em direção à porta.

— A senhorita tinha uma cópia das chaves?

Ela enrubescou ainda mais.

— Ele me confiou uma cópia há mais de um ano — ela disse. — Mas não é nada do que você está pensando.

— Não estou pensando em nada, senhorita — disse, mentindo descaradamente.

Ela me encarou, desconfiada. Boa garota.

— Ele já era um homem de idade avançada — explicou. — Por mais de uma vez, havia perdido as chaves e precisara chamar um chaveiro. Resolveu deixar uma cópia comigo para lhe poupar alguns aborrecimentos.

— Entendo — disse, pensativo. — Bem, a senhorita veio e abriu a porta...

— Eu o chamei várias vezes, sem sucesso — ela continuou. — Tive um horrível pressentimento. Sabe, meu pai... que Deus o tenha, acabou morrendo assim, em casa. Um ataque cardíaco, disseram. Simplesmente não foi trabalhar um dia e eu tive que...

Ela voltou a soluçar e eu esperei.

— Desculpe. Deve me achar uma boba.

— Em absoluto. A senhorita está indo muito bem. Acabou de passar por um baque muito forte. Não é fácil encontrar um corpo. Mas eu preciso que a senhorita me informe os detalhes, se não houver problemas.

Ela assentiu com seus grandes olhos antes de continuar.

— Não há muito para contar. Fui com cuidado até o quarto, ainda o chamando, torcendo para que tivesse apenas perdido o horário, dormido demais, sabe? Por alguns momentos, cheguei a fantasiar que ele acordaria e me passaria uma carraspana por ter sido metida e entrado na casa dele sem autorização, o que seria bem merecido... Mas não era nada disso. Quando entrei no quarto, vi os pijamas em cima da cama. Meu coração apertou. Fui até o banheiro e... ele estava lá. Afundado.

Ela choramingou por um momento e eu esperei pacientemente.



— Desci algum tempo depois e pedi para o porteiro ligar para a polícia.
Fiquei na cozinha desde então.

— E quanto ao trabalho do sr. Amaral Netto?

Ela me encarou, sem entender.

— O seu trabalho?

— O que ele fazia nesse batalhão, especificamente?

— Não tenho o direito de discutir esses assuntos, Inspetor. Me custaria o emprego... no mínimo.

Compreendi e assenti.

Deixei Iago pegando os últimos detalhes, incluindo endereço e antecedentes e dei uma volta pelo local. Era um típico apartamento de solteiro, com um quarto, um estúdio, uma sala de estar conjugada com a de jantar, um lavabo para receber visitas e uma cozinha minúscula que, pela aparência, era pouquíssima frequentada. Provavelmente, fazia as refeições fora.

No estúdio, encontrei uma foto de uma mulher na casa dos quarenta e poucos anos, tirada há um bom tempo. Vera Helena do Amaral Netto, dizia uma legenda escrita numa caligrafia miúda. Esposa, provavelmente. Como morava sozinho e mantinha a foto, julguei-a falecida. Mais atrás, havia a foto de um jovem rapaz. Estava em posição de destaque e aquilo me chamou a atenção. Não havia nenhuma outra foto do rapagão em qualquer outro lugar e o instantâneo parecia ser muito novo para pertencer ao próprio falecido. Pendurada numa parede, ainda encontrei uma foto tirada no Colégio Politécnico da capital, onde ele parecia receber algum tipo de homenagem.

A mesa estava perfeitamente organizada, com uma máquina de escrever antiga ocupando boa parte do tampo. Não havia papeis espalhados e o lixo fora recolhido. Um envelope mantinha uma resma de papeis carbono e, em outro, encontrei um pacote de folhas em branco. Nas estantes, uma vasta coleção de livros que pareciam indicar que o falecido gostava de se dedicar a temas do seu interesse específico. Havia tratados sobre diversos ramos da engenharia, além de outros livros de referência. Também havia alguns cientistas teóricos, como Einstein, Von Neumann e Russel, e uma lista interessante de manuais técnicos de grandes empresas. Uma pilha de revistas jazia na mesa do centro, ao lado de um cachimbo vazio. O jornal dominical fora atirado em cima da poltrona, aberto na seção das palavras-cruzadas, totalmente preenchido.

Detalhes de uma vida que desaparecera num par de segundos.

* 2 *

Acompanhei a polícia técnica durante o resto da manhã, mas não encontramos nada demais. Desci com a intenção de falar com o porteiro, mas descobri que o seu turno acabara e o empregado da manhã estava trabalhando no edifício há poucas semanas e não tinha nenhuma informação a me dar sobre o falecido.



REPARTIÇÃO CENTRAL DE POLÍCIA

CONFIDENCIAL

Seguimos para a Azenha e depois pegamos a Bento Gonçalves até alcançarmos o Batalhão de Intendência e Logística, quando a chuva que ameaçara a cidade nos últimos dias finalmente caiu. Fui barrado na entrada por longos momentos, até termos as nossas credenciais checadas. O soldado que nos atendeu não parecia particularmente feliz em nos deixar entrar, mas aquele era o exército e ninguém deveria parecer feliz, a não ser que você tivesse galardões o suficiente nos ombros para que outros fizessem o trabalho sujo para você, mas agora eu já estava divagando.

Seguimos a indicação dada pelo sujeito e avançamos por uma avenida larga até a edificação principal, uma construção baixa e triste, provavelmente reservada às relações públicas.

Havia um prédio isolado dos demais. Por fora, parecia absolutamente comum a qualquer outro prédio militar: quadrado, com aparência funcional, janelas com persianas, telhado triangular. Mas duas coisas atraíram a minha atenção. Primeiro, três condensadoras instaladas perto das paredes externas, o que indicava um uso abusivo de climatização e, segundo, o mesmo Jeep que trouxera a secretária Sandra Rossi estacionado do lado de fora. Na frente, só um número pintado em verde musgo: 3F.

- O que há lá? - perguntei para o soldado que viera nos receber.
- Não tenho permissão para responder, senhor.
- Não tem permissão ou não sabe?

Ele corou, o que me deu toda a resposta que precisava. Não era incomum que a soldadesca não tivesse informações sobre o que acontecia dentro de cada local do quartel, mas era um indicativo interessante.

Atravessamos o átrio do prédio principal e fomos escoltados até uma sala de reuniões, onde fomos recebidos pelos antigos companheiros do falecido. Aquele era o pior tipo de arranjo para conversar com testemunhas, mas rapidamente descobri que não conseguiria nada melhor. Anotei os nomes e cargos.

Primeiro Tenente Tarcísio Braga, chefe da operação. Um sujeito calvo e com grandes bigodes. Primeiro Tenente Marcos Cerqueira, engenheiro de formação, com pinta de galã de cinema. Deveria acordar uma hora antes da esposa para manter os cabelos retintos daquele jeito, se é que fosse casado. Tinha jeito de mulherengo. Segundo Tenente Rodolfo de Souza, também engenheiro, feio como o diabo. E o Sargento Valério Viana, formado em matemática, um garotão magro, de cabeça redonda e óculos grossos. Ele era o único que morava no batalhão, no alojamento dos suboficiais.

- Qual era a operação em que o sr. Amaral Netto estava envolvido?
- O tenente Tarcísio me respondeu com um olhar soturno.
- Não tenho permissão para discutir esses detalhes com um civil.
- Entendo, mas preciso colocar alguma coisa no meu relatório.
- Pode escrever o que quiser.
- Então, vou chamá-lo de Projeto Abacaxi - disse, anotando no meu caderno.



Senti um desconforto generalizado até que tenente Tarcísio resmungou, entre os lábios.

— Chame-o de Projeto U-XII.

— Muito bem — disse, num tom agradecido. — Pelo que soube, ele trabalhava com os senhores nesses dois últimos anos.

Houve murmúrios de assentimento.

— Era um membro convidado? — insistiu.

— Ele tinha as credenciais — comentou o tenente feioso. — E sempre fora considerado um profissional excepcional na sua área.

— E o que podem me dizer sobre ele?

Depois de um silêncio breve, o garotão Viana respondeu.

— Ele era reservado, mas sabia o que estava fazendo.

— Pelo menos, até algumas semanas atrás... — resmungou o tenente Cerqueira.

O garotão ajeitou os óculos com a expressão fechada enquanto me virava para o meu interlocutor. Ele acendeu um cigarro e me lançou um sorriso à la Clark Gable antes de continuar.

— Ele andava relapso — disse, como quem comenta sobre o tempo. — Esquecido. Parecia estar vivendo entre as nuvens.

— O que nos custou uma semana de trabalho — comentou Tarcísio, em um tom irritado.

— Algum motivo para essa mudança repentina?

— Não foi tão repentina assim — disse o tenente Souza, cruzando os dedos das mãos e fechando a cara feia. — Ele não estava contribuindo com o trabalho já faz alguns meses.

— Alguma teoria?

— Você não o conhecia — retorquiu o tenente Cerqueira, tirando uma baforada e abrindo um sorriso galhofeiro. — Ele fora considerado um gênio no seu tempo, mas estava velho e cansado. Se fosse dar ouvidos às fofocas, descobriria que havia sido aposentado do Colégio após aparecer na sala de aula de pijamas.

Fiz algumas anotações enquanto ele batia as cinzas no cinzeiro.

— Sua única razão de existência era o trabalho. Quando percebeu que a sua mente estava falhando, ele não aguentou.

Ergui uma sobrancelha.

— Então, acha que ele se matou?

Cerqueira deu de ombros e voltou a sorrir.

Não era uma suposição ruim, de fato. Dava para contar a história desse jeito: o velho toma remédios para dar cabo da própria vida, vai entrar na banheira, mas, tonto, escorrega, bate a cabeça e afunda. Morre afogado, que era mais ou menos o seu plano original. Mas havia alguns pontos obscuros. Por que tomar as pílulas antes de entrar na banheira? Até onde sabia, a droga não tinha efeito imediato, o que indicaria que ele tomou as pílulas com muita antecedência ou que o acidente não passou disso, de um acidente, de fato.



REPARTIÇÃO CENTRAL DE POLÍCIA

CONFIDENCIAL

Nesse caso, ele estaria morto, quisesse se matar ou não. Uma coincidência e tanto.

E eu odiava coincidências.

* 3 *

Depois que terminei o interrogatório, que não me serviu para muita coisa, voltei à viatura e deixamos o quartel, mas pedi para Iago estacionar na esquina. Olhei para as minhas anotações. Três engenheiros e um matemático, além do tenente Tarcísio, que só devia estar ali por causa da patente. Um grupinho interessante, pensei. Então, dispensei Iago com uma missão, que ele relutou em aceitar.

— A gente não sabe nada sobre o Japa, chefe — resmungou, quando saiu da Rural.

— O sargento Yamada se formou no colégio técnico e é o mais próximo que temos de uma equipe forense — respondi. — Ele passa o tempo inteiro com suas revistas Eletrônica. Talvez nos dê alguma luz.

Iago balançou a cabeça, mas se afastou em direção ao ponto de ônibus. Consultei o relógio e esperei. Durante duas horas inteiras, mantive-me atrás do volante, com um cigarro apagado preso aos lábios, ouvindo a chuva tamborilar na capota. Permaneci em vigília até que o portão de aço abriu e a figura esguia da senhorita Sandra Rossi escapou para o passeio público andando apressada, com a bolsa em cima dos cabelos.

Abri a porta e a chamei entre os pingos grossos da chuva. Ela olhou desconfiada para o carro, mas suas faces desanuviaram quando me reconheceu. Entrou rapidamente no banco do carona.

— Estava entrevistando os rapazes? — ela perguntou, enquanto se espanava para se livrar da água da chuva.

— Na verdade, estava lhe esperando — disse, abrindo o jogo. — Lhe dou uma carona e, em troca, você me conta o que sabe sobre o sr. Amaral.

Ela me olhou, desconfiada.

— Não quero saber do trabalho dele, mas sobre quem ele era — garanti.

Ela soltou um pequeno suspiro antes de me passar o endereço. Coloquei a marcha em primeira e arranquei para o trânsito infernal do fim de dia, que costumava se tornar impraticável quando chovia.

— Você o conhecia bem? — disse, freando alguns metros depois, atrás de um caminhão de areia.

— Eu o conheci quando ele entrou no projeto, há dois anos. Fui designada para trabalhar com o grupo desde o início.

— No projeto U-XII — comentei.

Não precisei me virar para perceber que ela se espantara. Isso confirmava minhas suspeitas de que ferir a vaidade do tenente fora proveitoso.



— Como ele era? — disse, trocando de assunto.

— Gentil — ela respondeu imediatamente. — Atencioso. Tranquilo.

Características genéricas que poderiam ser atribuídas a qualquer um, pensei.

— E sozinho — arrisquei.

Ela observou a chuva por um momento, antes de responder.

— Sim, ele vivia sozinho desde que a esposa morreu, há uns dez anos.

Anotei a informação mentalmente, enquanto seguia pelas ruas que ameaçavam alagar.

— Não sabia que ele fora casado — menti, tentando ajudá-la a avançar.

— Sim, mas eu não a conheci, é claro. Mas ele parecia sentir falta da esposa.

— Ele deveria sentir falta de companhia.

Ela se contorceu um pouco no banco antes de falar.

— Eu aceitei falar para tentar ajudá-lo, Inspetor — ela disse, num tom frio.

— Se está com a impressão de que...

— Não tenho a impressão de nada — disse, mentindo novamente.

— Ele era gentil comigo e eu respondia com a mesma gentileza — ela falou, sem acreditar totalmente em mim. — E só. Éramos os dois únicos civis do quartel, entende? Ríamos juntos de várias coisas. Mas nunca houve nada indecoroso da parte dele.

Assenti. Pelo que vira em seu apartamento e nas poucas informações que recolhi, estava tentado a acreditar nela. Um homem já idoso, que tinha no trabalho o seu único conforto, aproxima-se de uma jovem e bonita mulher sem malícia. Não era um arranjo incomum. Ela talvez o visse como uma figura paterna.

— Ele era quase como um pai para mim.

Bingo.

— Eu perdi o meu quando era muito jovem — ela continuou.

— Sinto muito — disse, por educação, mas voltei para o assunto em questão. — Amaral Netto tinha família?

— Não que eu soubesse.

— Vi uma foto de um garoto na mesa do estúdio dele, no apartamento — comentei, parando numa sinaleira.

Percebi que ela mordeu os lábios antes de responder.

— Ele tinha uma cópia da foto no quartel. Perguntei-lhe apenas uma vez quem era, mas ele não respondeu. Pelos seus olhos, percebi que não era para insistir no assunto e fiz a sua vontade.

— Humm — disse, apenas por dizer. — Bem, você vai me ajudar muito se puder me contar tudo o que puder sobre ele. As informações que consegui com os rapazes foram um tanto quanto truncadas.

— O exército não costuma revelar muito, na verdade.

Aquilo acendeu todas as luzinhas em meu cérebro.

— Sim, com o projeto e tudo o mais, mas sobre seu passado..



REPARTIÇÃO CENTRAL DE POLÍCIA

CONFIDENCIAL

Assenti lentamente. Já imaginava aquilo, na verdade, desde que o tenente Cerqueira comentara que o falecido já tinha as credenciais adequadas quando foi convidado.

— Onde?

— Não sei onde, especificamente, mas sei o nome. CETE.

Outra anotação mental.

— E o que ele fazia lá?

— Não tenho ideia, mas acho que tinha a ver com... — e ela abaixou o tom de voz, como se alguém pudesse nos ouvir no meio daquele trânsito, — ...bombas.

— Armamentos?

— Sim — ela sussurrou.

— E ele deixou o exército?

— Disse que preferiu se retirar. Ele costumava dizer que a humanidade se comportava como crianças brincando com fósforos.

Aquele era um pensamento com o qual eu tendia a concordar, mas permaneci em silêncio.

— Ele assumiu como professor na Escola Politécnica de Porto Alegre algum tempo depois, onde ficou até se aposentar. Acho que ele nunca se adaptou ao exército, de qualquer forma.

Isso foi tudo que a senhorita Rossi pôde me dar. Conversamos por mais meia hora até alcançar o endereço que ele me passou, um prédio de pequenos apartamentos em Cavalhada, perto de um arroio poluído. Ela discorreu sobre o quanto Amaral Netto parecia se importar com ela e sobre as várias vezes que a aconselhara a arranjar um emprego em um lugar mais arejado, como ele costumava dizer. Agradei seus préstimos, esperei ela atravessar as portas gradeadas e voltei para as ruas escuras.

Segui para a casa fumando o único cigarro do dia e pensando na vida do aparente e pacato Salomão do Amaral Netto, que havia morrido de forma aparentemente pacata em sua banheira. Havia formas piores de morrer, mas eu tinha um péssimo temperamento em relação a homens mortos em circunstâncias misteriosas. Isso me deixava irritado.

* 4 *

No outro dia, me vi sozinho no escritório. Yamada partira em diligência com Iago logo pela manhã, me deixando apenas um bilhete que não elucidava grande coisa.

Iniciei o inquérito como de costume. Foi relativamente fácil descobrir que Salomão do Amaral Netto lecionara na Escola Técnica de Porto Alegre nos últimos 35 anos, antes de se aposentar, meia década atrás. O incidente dos pijamas era real, mas isso não queria dizer muita coisa. Todo mundo poderia ter um dia ruim.



Era descrito como reservado, competente e calmo. Conheciam a esposa dele apenas por ouvir falar. Filhos? Nunca souberam.

Também não foi difícil descobrir que a esposa realmente se chamava Vera Helena, já falecida, morta por causas naturais. E também foi muito simples descobrir que CETE era a sigla para o Centro de Estudos Técnicos do Exército, que ficava em Taubaté, interior do São Paulo.

Mas, depois disso, eu gastei boa parte do dia com telefonemas, telegramas e visitas à vários oficiais com muitas estrelas, sem conseguir absolutamente nada de útil. As informações sobre se e o que Amaral Netto fizera no tal CETE eram absolutamente confidenciais. E eu nem poderia colocar as suspeitas sobre o assunto no meu relatório, já que informação obtida com a secretária era de cunho pessoal e duvidava que ela me desse um depoimento formal nesse sentido. No meio da tarde, a minha dupla de ajudantes retornou. O sargento parecia estar excitado com alguma coisa e estava louco para relatar o que descobrira.

— E então? — perguntei, depois de Yamada bater continência pela centésima vez, apesar de já ter pedido para parar com aquilo; afinal, não era militar.

— Fiz algumas pesquisas durante a noite — disse ele, aproximando-se.

— É claro que fez.

— E pedi para que o Iago me levasse até o apartamento da vítima.

Franzi o cenho.

— Com qual objetivo?

Ele pegou seu bloco de anotações.

— O senhor relatou que encontrou manuais técnicos no seu estúdio — disse, relendo. — Eu queria saber sobre o que eles tratavam. Aquelas condensadoras poderiam ser utilizadas para muitas máquinas, senhor. Na revista de julho último, encontrei um artigo...

— Direto ao ponto, sargento.

— Eu acho que sei o que eles têm lá dentro — ele disse, com os olhos brilhando enquanto cruzava os dedos das mãos. — Mas se o senhor for voltar lá, gostaria de pedir permissão para ir junto. Sou do corpo regular do exército e tenho as credenciais adequadas. Acho que...

— Lhe levo ao inferno se me achar um jeito de entrar lá — respondi. — O que encontrou, sargento Yamada?

Ele respondeu. O mirei por um longo momento antes de sairmos porta afora.

* - *

Encontramos o mesmo soldado guardando a entrada do Batalhão. Disse que queria conversar com o tenente Tarcísio Braga e ele me respondeu com alguns grunhidos. Ficamos uma meia hora no portão até sermos liberados.

Fomos conduzidos até a mesma sala de reuniões do dia anterior. O tenente viera acompanhado do sargento Viana e parecia decididamente irritado.

— Inspetor, sei que tem suas obrigações, mas realmente não podemos perder tempo com esse assunto.



REPARTIÇÃO CENTRAL DE POLÍCIA

CONFIDENCIAL

— O que estão calculando? — foi a minha resposta.

Tarcísio me dardejou com os olhos e se virou para Viana. Foi um movimento rápido e quase imperceptível, mas eu era treinado para observar movimentos rápidos e quase imperceptíveis.

— Do que está falando? — ele disse, num tom de voz neutro.

— Vocês têm um sistema de processamento de dados aí dentro — disse, fazendo força para me lembrar dos detalhes que Yamada me passara. — Um computador. Por quê? O que Amaral fazia?

— Inspetor...

Mas eu ainda não terminara.

— Ele foi assassinado — continuei, dando ênfase a algo que não tinha certeza absoluta, mas ele não precisava saber disso. — Preciso descobrir se o que ocorreu tem a ver com o seu trabalho. Se ele era o suficientemente importante para vocês manterem segredo, talvez fosse suficientemente importante para motivar a sua morte.

O tenente Tarcísio me encarou por um longo momento antes de se virar para o subalterno.

— Eu não tenho tempo para isso — resmungou. — Leve-os até a instalação — disse, partindo com os passos duros e batendo a porta atrás de si.

— Desculpe por isso — pediu Viana, com uma expressão embaraçada. — O tenente não é bom em lidar com as pessoas.

Dei de ombros e o seguimos pela mesma porta que o tenente passara momentos antes. Atravessamos o pátio sob um sol poente e alcançamos uma porta de aço de várias polegadas, guardada por dois soldados armados. Assinamos o livro de visitantes, que estava praticamente vazio, e seguimos para dentro. Um barulho surdo invadiu meus tímpanos, como o som de um motor distante.

Na primeira sala trabalhava a secretária Rossi, que nos cumprimentou com um olhar surpreso. Era uma sala comum, com arquivos de aço, uma máquina de escrever elétrica e um ramal funcional. Fiz um gesto para ela antes de seguirmos por um longo corredor, em direção ao barulho. Outra porta de aço nos levou ao coração do sistema. O ruído aumentou em alguns decibéis.

O sargento Yamada, cujos olhos brilhavam como de um garotinho que descobrira que o Natal fora antecipado, entrou devagar, de forma quase reverencial. Ele piscou os olhos e voltou a piscá-los. Não sei o que ele estava vendo, mas tudo o que eu vi foi um armário com luzes piscando e repleto de botões e mostradores, montado sobre uma mesa e encostado na parede oposta, acoplado a uma máquina de escrever esquisita. Outro armário grande e cinza estava ao seu lado, murmurando e resmungando como uma batedeira. Também havia outras máquinas menores interligadas, com vários fios entrelaçados. Em outra mesa, observei o que me pareceu um plotter, mas não tinha certeza, e uma máquina que me lembrou uma fotocopadora.



Os tenentes Cerqueira e Rodolfo estavam ali, trabalhando em cima de um maço de papéis contínuos impressos. Eles levantaram os olhos para o sargento Viana, que os apaziguou com um gesto antes de se virar para nós.

— Esse é um ...

— IBM 1620 — disse o sargento Yamada, aproximando-se após pedir permissão com um gesto. Ele deu pequenos passos em direção à máquina. — Um computador eletrônico com 20.000 posições de armazenamento central volátil e uma máquina de entrada/saída elétrica. Sem memória de longo prazo, todo o resultado precisa ser registrado em impressora.

Ele se virou e tocou delicadamente no armário barulhento.

— Essa é uma Unidade de Armazenamento 1623, que expande o sistema para 40.000 posições. Os tempos de ciclo de memória são baixíssimos. Uns 30 microssegundos.

— Vinte — disse o sargento Viana, ao que Yamada agradeceu.

Ele se voltou para o armário cheio de luzes novamente

— Dados e instruções são inseridos na área do sistema e armazenados como dígitos decimais — continuou, antes de seguir para o que me pareceu ser a fotocopiadora. — E este é o perfurador e leitor de cartões 1622 para operações de entrada e saída via cartões perfurados. Ele é rápido.

— Lê 450 cartões por minuto e permite criar lotes com até 3.000 cartões — concluiu Viana. — O sistema é um pouco mais barulhento do que o vendedor nos disse, mas funciona bem.

— Uma calculadora chique e rebuscada — comentei, ao perceber que a aula inaugural havia acabado. — Para que serve?

Yamada e Viana assobiaram e fiquei imaginando se isso era algum tipo de convenção entre os sargentos.

— Um computador desse porte pode realizar maravilhas, senhor — explicou Yamada. — Como sistema de processamento científico, é possível...

— Não estou interessado no que é possível — resmunguei, antes de me virar para o sargento Viana. — Eu quero saber o que vocês estavam fazendo com essa maravilha tecnológica em especial.

Os dois tenentes aproximaram-se.

— Já ouviu falar do Sputnik? — perguntou Cerqueira.

— Aquela lata soviética que faz beep-beep do espaço? — perguntei, apontando para o teto.

— Eu sei que para pessoas normais, isso pode parecer ser uma coisa trivial, mas o Sputnik representou um novo campo em toda a engenharia moderna.

— Um beep-beep? — insisti, sem acreditar.

O tenente Rodolfo interviu.

— Depois do Sputnik, vários países conseguiram lançar seus satélites. Já ouviu falar da NASA?

Me lembrei da Dra. Débora Ferreira e abri um sorriso involuntário.



— Tenho uma noção geral — disse.

— Em 1960, os EUA enviaram o ECHO para o espaço. Era apenas um balão metálico gigante que funcionava como uma espécie de satélite passivo.

— Em língua de gente — solicitei.

Cerqueira abriu um sorriso petulante de astro de TV com seus dentes brilhantes e eu fiquei imaginando como ele ficaria com a mandíbula quebrada.

Ele pegou um papel e desenhou um círculo que deveria representar o nosso planetinha azul. Então, rabiscou duas antenas de rádio na superfície e um quadradinho no espaço.

— Da forma mais trivial possível, um satélite passivo funciona como um espelho de sinal. Sinais de rádio são enviados da Terra e refletidos, podendo ser recebidos em outro ponto — explicou, tracejando uma linha da primeira estação até o espaço e retornando até a segunda estação. Assenti e ele continuou.

— Dois anos depois, o primeiro satélite ativo foi lançado. Se chamava Telstar. Ele era capaz de receber, amplificar e transmitir sinais. Com Telstar, foi possível realizar a primeira transmissão de TV transatlântica, entre EUA e a Europa. E nasceu a telefonia internacional via satélite.

Me lembrei de ter lido isso em algum lugar. Provavelmente, na Manchete. Fiz um sinal e ele continuou desenhando. Agora, tínhamos duas antenas distantes e um satélite perto da Terra.

— O problema era que o Telstar operava em uma órbita baixa elíptica variando entre mil e cinco mil quilômetros de altitude, completando uma volta na terra a cada 3 horas, mais ou menos. Dessa forma, ele só conseguia ficar visível para as antenas receptoras a cada 30 minutos por órbita — explicou, fazendo uma circunferência tracejada ao redor da terra e uma linha sólida que abarcava apenas parte do raio, entre as duas antenas.

— Entendo — disse, apesar de não saber se tinha entendido tudo.

— O Intelsat mudou tudo isso. Ele foi o primeiro satélite em órbita geostacionária comercial do mundo. Foi lançado dois anos atrás.

Eles pararam e eu tive que entrar no jogo.

— O que é um satélite de órbita geográ...

— Geostacionária — corrigiu Rodolfo. — É uma órbita circular situada exatamente sobre a linha do equador, a uma altitude de aproximadamente uns 35 mil quilômetros. Ele orbita na mesma velocidade da Terra.

Ele recortou dois círculos, um muito grande e outro pequeno. Então, os posicionou sobre a mesa e os girou, de tal forma que o círculo pequeno, o satélite, permanecesse sempre sobre a linha do equador.

— Dessa forma, parece que o satélite está fixo no espaço, o que permite...

— Que as comunicações sejam contínuas — conclui.

— Muito bem, Inspetor — disse o sargento Viana. — Esse é um marco revolucionário para as comunicações no mundo inteiro.

— Muito interessante — disse. — E o que vocês têm a ver com isso?



Cerqueira acendeu um cigarro e me ofereceu um, mas recusei. Tinha um Poe que pretendia terminar com o cigarro do dia.

— Lançar um foguete é caro e difícil — ele continuou. — Tanto a NASA como os nossos amigos detrás da Cortina de Ferro estão muito à nossa frente.

— Nem me diga...

— Como?

— Nada, não — desconversei. — E daí?

— Construir um satélite é muito mais fácil, apesar de ser um problema técnico absurdo — ele continuou.

Aquilo me pegou de surpresa.

— O Brasil quer construir um satélite?

— Vários, na verdade — disse Cerqueira. — Temos um país continental e precisamos melhorar nossas comunicações urgentemente. Um vendaval, chuvas ou mesmo um simples ato de sabotagem é o suficiente para deixar dezenas de milhares de quilômetros quadrados completamente isolados. E rádios de ondas curtas não são o suficiente para cobrir um território tão vasto.

— Então, vocês estão construindo um satélite — disse, tentando absorver a informação.

— Na verdade, o projeto foi subdividido em diversas áreas de pesquisa — disse Rodolfo. — Há muitos problemas para resolver. É necessário manter o satélite em posição contra perturbações gravitacionais e pressão solar, há o problema da potência das antenas de transmissão, produção de energia elétrica, controle térmico, direcionamento das antenas e mais um conjunto enorme de questões menores. Aqui, estávamos trabalhando no posicionamento da altitude, desenvolvendo giroscópios e sensores solares para acionar os propulsores.

— E por que todo esse segredo?

Cerqueira abriu um dos seus sorrisos intermináveis.

— Um satélite envia e recebe informações do espaço — ele disse. — Essas informações podem ser captadas por qualquer antena de recepção, se você souber para onde apontar. É como manipular a antena do seu rádio para melhorar o sinal, entende?

— Sim.

— Então, precisamos codificar o sinal para que a comunicação não possa ser interceptada. Essas informações são confidenciais.

Matutei aquilo por alguns momentos, mas eles não haviam terminado.

— Essa tecnologia vale milhões, Inspetor — disse Rodolfo. — Há muitas empresas envolvidas. E muitas gostariam de ver a nossa iniciativa fracassar para que possam nos vender suas próprias soluções.

— Sabotagem? — sugeri

— Não seria impossível — ele disse e os demais assentiram.

— Alguém poderia assassinar Amaral Netto por causa disso?

— Não duvido de nada — disse Cerqueira.



REPARTIÇÃO CENTRAL DE POLÍCIA



— Isso, se houve assassinato — disse o tenente Tarcísio, saindo de uma porta ao fundo, que levava ao seu escritório.

— Estamos lidando com todas as possibilidades — ponderei.

— Ele se tornara um líder inapto — ele resmungou, dando uma olhada rápida na papelada que os tenentes estavam analisando. — Estava mais atrapalhando do que ajudando. Era o elo mais fraco da nossa equipe. Matá-lo não iria alterar o nosso cronograma.

Ele me encarou, como que perguntando se eu queria algo a mais, mas não me ocorreu nada. Agradei novamente e esperei que Viana tomasse a frente, nos liderando para fora dali.

* 5 *

— Ele é sempre assim? — perguntei, enquanto voltávamos até o prédio principal, onde deixara estacionado a Rural. O sargento Viana nos acompanhava.

— Ele é um babaca — rosnou ele, depois de olhar para os dois lados. — O senhor deveria prendê-lo.

Sorri.

— Não temos leis para isso. E nem cadeias suficientes para prender todos os imbecis do mundo.

— O que é uma pena.

— Pode ser, mas eu preciso perguntar uma coisa — disse, enquanto entrávamos no prédio. — É a segunda vez que o tenente Tarcísio menciona a inaptidão de Amaral Netto. Afinal, o que houve?

O sargento abriu a porta da sala de reuniões e nós entramos. Ele colocou as duas mãos em cima de uma cadeira.

— Tivemos um contratempo e perdemos quase uma semana inteira de trabalho numa época onde estávamos já sobrecarregados. Isso fez as tensões aumentarem.

— E foi culpa dele? — insisti, mas o sargento me deu uma resposta enviesada.

— De certa forma...

— Pode ser mais específico?

Viana abriu um sorriso engolido.

— O que entende sobre computadores?

— Que são máquinas de calcular melindrosas e que custam o preço de um automóvel.

Os dois sargentos sorriram.

— Não está muito longe da verdade, mas essa aqui custa o preço de vários automóveis — disse Viana, fazendo um gesto em direção ao prédio. — Mas temos outras aplicações além de fazer cálculos comuns.

— Bem, o que eu não sei, tenho certeza que você pode me explicar.



— Posso tentar — ele disse, em dúvida, o que me deixou levemente chateado. Ele fez um gesto e nos acomodamos em volta da mesa. — Você sabe como um computador funciona?

— Bem, eu sei usar uma calculadora e o DOMUS — falei, mencionando o novo sistema de acompanhamento de inquéritos que fora implementado desde que os verdes-olivas tomaram o poder. A partir de um terminal verde fosforescente, o sistema de Documentação Unificada Militar e Segurança prometia revolucionar as forças de segurança, seja lá o que isso quisesse dizer.

— A calculadora é um exemplo melhor aqui — disse Viana, me trazendo novamente para o assunto em questão. — Se você já viu uma calculadora eletrônica do tipo Olivetti, sabe que precisa inserir o primeiro número, depois o operador, e o segundo número.

— Então, pressiono o igual e tenho um resultado. E daí?

— Essas calculadoras transformam os números de base decimal, que estamos acostumados, em uma base diferente, chamada binária, que só possui dois tipos de dígitos: 0 e 1. Ela executa a operação em binário via máquina, converte novamente para decimal e lhe dá o resultado.

— Acho que entendi — disse, apesar de não ter certeza.

— Qualquer operação funciona dessa forma. O resultado é realizado pelo circuito interno da calculadora.

— Vou acreditar em você — anunciei.

Viana sorriu antes de acreditar.

— Bem, o 1620 é um pouco diferente. A sua memória trabalha com dígitos e não números, armazenados em núcleos magnéticos. Isso quer dizer que cada espaço na memória pode armazenar um dígito entre 0 e 9.

— Certo — disse, só por dizer.

— Bem, agora vamos para a matemática. Se lembra das tabuadas?

— Sim — disse, com um calafrio. — Tinha um professor que nós apelidamos de Moriarty. Ele tinha uma certa predileção sádica em relação a decorar as tabuadas.

Viana sorriu, o que corroborou a minha impressão de que todos os matemáticos eram sádicos por natureza. Aí me lembrei da Dra. Débora Ferreira e corei.

— Normalmente, estamos acostumados a pensar na tabuada da multiplicação, mas, na verdade, podemos montar tabelas para qualquer uma das quatro operações — ele explicou, incapaz de entender o que eu estava pensando, o que era uma benção.

Ele pegou um papel e um lápis que estavam em cima da mesa e começou a rascunhar.

— Veja aqui. Se consideramos A e B dois dígitos quaisquer que você queira somar, essa é a tabela da adição.



REPARTIÇÃO CENTRAL

CONFIDENCIAL

	----- B -----									
	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9
	0	0	1	2	3	4	5	6	7	8
	1	1	2	3	4	5	6	7	8	9
	2	2	3	4	5	6	7	8	9	0
	3	3	4	5	6	7	8	9	0	1
	4	4	5	6	7	8	9	0	1	2
A	4	4	5	6	7	8	9	0	1	2
	5	5	6	7	8	9	0	1	2	3
	6	6	7	8	9	0	1	2	3	4
	7	7	8	9	0	1	2	3	4	5
	8	8	9	0	1	2	3	4	5	6
	9	9	0	1	2	3	4	5	6	7

— Para somar dois dígitos, basta acessar o cruzamento entre a linha e a coluna adequada. Por exemplo, se A vale 5 e B vale 3, basta achar o cruzamento entre esses dois números. No caso, é a quarta coluna e sexta linha, pois ambos iniciam em zero.

— Certo — disse, olhando para a tabela com atenção e achando o número 8 exatamente onde ele deveria estar. Fiz rapidamente alguns testes, somando outros dois dígitos aleatoriamente e alcançando os dados corretos. — Mas se a soma der um resultado maior, tipo 13?

Viana sorriu, como se estivesse na frente de uma criança excepcionalmente curiosa.

— Por exemplo, se A for 8 e B valer 5, vamos olhar na sexta coluna e nona linha. O que tem lá?

— O dígito 3 — disse, depois de consultar a tabela.

— Exato. Nesse caso, temos um valor adicional armazenado na tabela, que chamamos de flag. Esse flag é setado para 1 se o dígito vai-um da soma for igual a 1 e permanece em 0 se ele for zero. Ou seja, se o resultado da soma for maior que 9, então ele é alterado para 1. Isso permite que o circuito do computador considere esse dígito no resto da soma. Entendeu?

— De forma geral — disse, indeciso.

— Só que o IBM 1620 armazena todos os números na forma decimal. Criar um circuito para fazer somas em decimal é incrivelmente complexo. No entanto, para baratear esse tipo de computador, os projetistas não inseriram um sistema de cálculo completo. O que o sistema faz é manter na memória as tabelas, ou tabuadas, se preferir, das quatro operações. Sempre que realiza um cálculo, o computador consulta as tabelas e pega os resultados necessários.

— E funciona? — perguntei, desconfiado.

— Perfeitamente, apesar de ser um pouco mais lento — admitiu. — No entanto, torna o circuito mais barato.

— Então, vocês têm um computador que não calcula?



— Ele ganhou até um apelido por causa disso: CADET - Can't Add, Doesn't Even Try. Não soma, nem tenta.

Yamada sorriu, mas eu o ignorei.

— Que coisa interessante — disse, cruzando os braços. — E o que isso tem a ver com Amaral Netto?

— Essas tabelas de operação são armazenadas na memória do computador para que o sistema possa realizar os cálculos mais rapidamente.

Assenti.

— O problema é que uma posição de memória pode ser alterada. Em tese, você pode manipulá-las da forma que quiser.

— Está me dizendo que é possível alterar os valores dessas tabelas de operação?

— Perfeitamente.

— Com qual objetivo?

Ele soltou a respiração, numa pose derrotada.

— Nenhum que eu consiga entender. É essa a questão. Amaral alterou a tabela da adição e eliminou todos os flags vai-um. Isso provocou erros sucessivos em todos os cálculos que estávamos realizando. E era um defeito tão improvável que ninguém percebeu. Imaginamos centenas de coisas, mas nunca que alguém modificaria de forma proposital as tabelas de operações.

Aquilo era decididamente interessante.

— O que Amaral Netto disse?

— Que se enganou. Disse que estava testando um programa e esqueceu de alterar as tabelas novamente. Ele pediu desculpas, mas...

— Mas você não acreditou.

Viana apertou os lábios. Era óbvio que ele preferia não falar mal dos mortos.

— Vai me ajudar e ao próprio Amaral se me contar o que sabe — disse.

— Eu não sabia o que pensar — respondeu o sargento, num tom em que quase acreditei. — O tenente Tarcísio ficou furioso. Eles discutiram. Amaral nem tentou se defender. Apenas ficou dizendo que fora um erro.

Ele acendeu um cigarro.

— Esse é um programa importante. As paixões costumam aflorar nesses momentos. Houve alguma rispidez, principalmente por causa da enorme pressão a que estamos submetidos.

— Por quê?

— Nosso prazo já estourou semanas atrás — ele disse, fazendo um gesto brusco.

— E o que aconteceu depois do incidente?

— Alteramos as tabelas novamente e voltamos a trabalhar.

— E o que houve com as tabelas alteradas?

Viana se aproximou antes de responder.



REPARTIÇÃO CENTRAL DE P

CONFIDENCIAL

— Destruí o programa que ele usara, como fora instruído. Era uma coisa muito simples, que só somava dois números de dois dígitos, mas... — ele olhou para os lados e abaixou ainda mais o tom de voz. — Decidi guardar as tabelas — confessou.

— Por quê?

— Porque eu não sabia o que pensar. Realmente, foi um erro estúpido, mas não há motivo algum para alterar essas tabelas, como você mesmo pode concluir. Era um mistério e eu não gosto de mistérios.

— Falou com ele?

— Toquei no assunto, mas ele nunca disse nada. Sustentava que fora um erro.

— E descobriu alguma coisa?

Viana balançou a cabeça.

— Nada. Não consigo imaginar o motivo.

Batuquei com o cigarro apagado contra o maço por alguns momentos, antes de tentar mudar a abordagem.

— Por que Amaral estava no projeto?

— Ele era um engenheiro excelente — argumentou o sargento.

— Essa parte eu entendi. O que não entendi é o motivo pelo qual ele aceitou trabalhar para os militares novamente. Ele não parecia à vontade aqui.

Ele apertou o cigarro entre os dedos.

— O que estávamos fazendo beneficiaria toda a sociedade. As comunicações tem um papel central na sociedade moderna.

— Hum — murmurei por um momento. — Essa coisa em que vocês estavam trabalhando poderia ter aplicações militares?

— Qualquer coisa pode ter aplicação militar, senhor — ele respondeu, sério. — Toda a ciência desenvolvida até hoje, de uma maneira ou de outra, foi aplicada na guerra.

Havia verdade demais naquela frase para eu ignorá-la.

— Mas isso nunca impediu os cientistas de progredirem — disse ele. — Muito do que a sociedade conseguiu se perderia se não tivéssemos investido em tecnologia. Os próprios computadores atuais surgiram durante a segunda guerra mundial.

— Ótimo — me levantei, agradecendo o sargento. — É gratificante saber que sempre estamos pensando em novas e criativas formas de nos matar.

Viana sorriu e nos despedimos.



* 6 *

No outro dia, mergulhei em tudo o que eu sabia sobre o caso, sem chegar à conclusão alguma, até que decidi seguir o principal corolário da investigação policial: quando nada mais faz sentido, convém recomeçar do zero. No caso, visitar a cena do crime.

Para não perder tempo com o porteiro, fui até o Batalhão e consegui a cópia da chave da srta. Rossi. De volta à Cidade Baixa, eu e Iago passamos um pente fino em todo o apartamento. Vasculhei a cozinha e sala e não descobri nada. O banheiro fora limpo, mas não me trouxe nada de novo, assim como o quarto insípido.

No estúdio, dei uma olhada nos livros e vasculhei os papéis novamente, mas não encontrei nada de útil. Então, parei na caixa de papel carbono. Ela fora recentemente aberta e descobri que apenas a primeira folha fora utilizada. Peguei a folha e a levei em direção à janela.

— O que está fazendo? — perguntou Iago.

— Um velho truque — disse. — Normalmente, é possível usar um papel carbono várias vezes na máquina de escrever, até ele ficar ralo ou com tantos furos que se torna inútil — resmunguei.

— E daí?

Prendi o papel contra o vidro da janela.

— Quando você bate várias folhas, as letras se misturam. Mas a caixa era nova. Esse carbono só foi utilizado uma única vez — disse, observando as letras impressas em baixo relevo.

— E o que tá escrito aí?

— Uma espécie de ensaio.

Havia algumas letras muito fracas, mas deu para pegar a ideia geral. A coisa era mais ou menos essa.

A guerra pode conduzir à hegemonia, mas jamais à felicidade. A evidência dessa verdade encontra-se na própria condição dos povos que se mantêm à margem da insana corrida armamentista e das pretensões imperialistas dos dois blocos antagônicos que, em nosso tempo, disputam a condução da realidade mundial.

O bem-estar social não pode nutrir-se do ódio, tampouco da inveja, nem se sustentar pela exploração de outros povos. Não é admissível que se pretenda justificar um elevado padrão de vida à custa da decadência daqueles que foram subjugados ou espoliados. Tal lógica, além de moralmente insustentável, revela a fragilidade de um progresso que se constrói sobre a ruína alheia.

A ideia de paz, bem como sua própria evolução, não se afirma apenas no plano racional, mas sobretudo no âmbito social. A luta pela vida, entendida como esforço coletivo de preservação e continuidade, conduz inevitavelmente ao questionamento da guerra e à necessidade de seu término.



A paz, portanto, não deve ser concebida como simples ausência de conflito, mas como consequência histórica da própria evolução da guerra, tornando-se um estágio que se impõe à medida que a humanidade se torna mais consciente de seus limites e de suas possibilidades. Nesse sentido, ela se apresenta como um passo necessário na direção de uma condição humana mais digna, mais justa e, sobretudo, mais esperançosa.

— Bonitas palavras — comentou Iago.

Ignorando a observação, li e reli o manifesto e, então, me virei. Não reconheci o texto em si, mas sabia onde ele poderia ter sido publicado. O problema era que não parecia fazer sentido.

Fui até a pilha de revistas e as joguei de um lado para o outro até encontrar o que procurava.

— O que é isso? — perguntou Iago.

— Texto subversivo — respondi, com um sorriso debochado.

Eu conhecia a revista de nome, principalmente em alguns informes que recebera ainda na Academia da Polícia, logo após o golpe. A Revista Civilização Brasileira era publicada no Rio de Janeiro e muitos livros da editora foram confiscados por que seus autores foram considerados persona non grata do regime. Ela publicava ensaios e artigos de opinião sobre os mais diversos temas e um dos mais recorrentes, até onde sabia, visava o pacifismo. Seu editor, Ênio Silveira, já fora preso mais de uma vez.

Folheei umas três revistas até achar o que procurava. No último número, publicado no mês anterior, encontrei um texto que começava com os mesmos parágrafos que encontrara no papel carbono. Fui até o autor: Immanuel Bolzano.

— Conhece o sujeito?

Abri um sorriso.

— Ele não existe.

— Como é que é?

— É um pseudônimo — expliquei. — Immanuel Kant e Bernardo Bolzano. Dois pacifistas convictos. Ambos mortos. Esse texto é de Amaral Netto.

Iago assobiou e pegou a carteira do cigarro, mas eu o demovi da ideia com um olhar irritado. A casa já fora vasculhada, mas, ainda sim, era a cena de um crime. O ideal era manter a contaminação nos valores mínimos.

— Um pacifista que escrevia em uma revista subversiva? Não é de se assustar que usasse um nome falso — comentou Iago.

Concordei com um aceno.

— Se os militares soubessem, acho que nunca teria sido chamado de volta. Mas isso abre algumas perguntas. Alguém descobriu? Ele pode ter sido chantageado?

— Ou ele poderia estar trabalhando para alguém — resmungou Iago.

— O editor, Ênio Silveira, pertencia ao Partido Comunista brasileiro — comentei.



Iago ergueu as sobrancelhas.

Nesse quesito, a ditadura brasileira seguia os passos do Macarthismo americano, ou seja, acusar sem provas ou gritar até ficar rouca chamando qualquer um que se opusesse ao regime de comunista. No entanto, aquele texto era antimilitarista e não pró comunismo.

Um pacifista convicto poderia ser convertido? Não me parecia provável. Mas na improvável possibilidade de Amaral ter se vendido aos comunistas, porque ele não foi preso? As cadeias estavam abarrotadas de cidadãos que foram recolhidos apenas por ter um livro de capa vermelha em casa.

Gastei o resto da tarde lendo todos os textos que consegui encontrar com o pseudônimo usado pela vítima, mas as minhas convicções não mudaram. Amaral se tornara um pacifista convicto, mas não parecia ter apreço aos comunistas ou tampouco aos americanos. Xingava-os da mesma forma, principalmente por causa das suas práticas, que considerava imperialistas e militaristas, sempre buscando o confronto.

A sua antipatia pelos militares parecia encontrar eco na conversa que tivera com a secretária Rossi e com o sargento Viana, mas isso me deixava com mais dúvidas do que respostas.

Olhei para a mesa e me concentrei na foto do garotão. Quem seria ele? Um parente perdido? O filho de um amigo?

A retirei com delicadeza do porta-retratos e resolvi tirar aquela história a limpo.

* 7 *

Com a foto nos meus bolsos, percorri toda a vizinhança e bati em todas as portas que encontrei. Não descobri coisa alguma, mas arranquei um naco de informação do porteiro da tarde, que trabalhava no edifício nos últimos vinte anos. Lhe paguei um café e descobri tudo o que podia descobrir sobre a rotina de Amaral Netto, que não era grande coisa. Ele saía todo dia às sete horas da manhã, de segunda a sábado, e só retornava depois do jantar, perto das nove horas da noite. No domingo, almoçava em um dos restaurantes da região e lanchava uma refeição leve de noite, entregue por algum garçom. Não recebia ninguém, com exceção da Srta. Rossi, que viera algumas poucas vezes para entregar algum papel ou pegar alguma coisa. Ficava sempre muito pouco tempo para que ele desconfiasse de qualquer coisa, disse, com ar desanimado. Imagino que tenha ficado chateado por ter perdido aquela fofoca. No fim, foi apenas um comentário que valeu aquela meia hora de informações inúteis.

— Dava para acertar o relógio com aquele sujeito — ele disse, terminando o seu café. — Metódico, quase mecânico. Eu diria, antinatural.

— Um Phileas Fogg — comentei, mas minha contribuição literária ao assunto foi descartada por um gesto de incompreensão.



REPARTIÇÃO CENTRAL DE POLÍCIA

CONFIDENCIAL

— Com exceção do dia 18 de maio, é claro — concluiu, finalmente.

O segurei com o olhar e ele abriu um sorriso bobo, como se tivesse preparado o palco para o seu grande final e satisfeito por eu ter reagido à altura. Entrei no seu jogo.

— O que tem o dia 18 de maio?

— Eu não sei — ele respondeu, aproximando-se de forma conspiratória. — Mas ele não trabalhava no dia 18 de maio. Nunca. Nem quando dava aula, nem depois. Passava o dia inteiro dentro de casa, assim como a sua falecida esposa. No outro dia, voltavam à rotina, como se nada tivesse acontecido.

Batuquei no tampo da mesa, agradeci e me afastei. Achei um telefone público e liguei para o escritório. Yamada atendeu.

— Seção XVI, Sargento...

— Yamada — interrompi. — Me confirma uma coisa. Quando o Amaral deu baixa?

Ele levou alguns momentos antes de responder.

— 25 de maio de 1934.

— Obrigado.

Dali, voltei até o Instituto Técnico. A minha hipótese era que alguém deveria saber alguma coisa. Com a ajuda de Iago, consegui entrevistar todos os docentes e funcionários que haviam trabalhado com Amaral Netto, mas todas as respostas foram negativas. Na sua ficha, havia algumas anotações sobre indisposições médicas relacionadas à data, mas nada além disso. Aparentemente, o sujeito tinha sido muito hábil em guardar segredos.

Havia uma última tentativa, mas eu estava evitando utilizá-la. No entanto, estava ficando perigosamente sem alternativas. Liguei para a central e marquei uma reunião com o chefe, que pareceu absolutamente indisposto em me receber.

— O que quer? — foi a sua forma elegante de me cumprimentar.

— Ajuda, mas você não vai gostar.

— Nada que venha dessa Seção XVI é do meu agrado — ele disse, com um arroubo de sinceridade que me deixou comovido.

— Taubaté. Preciso de autorização para fazer uma pesquisa por lá.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— O que tem lá?

— Salomão Amaral Netto trabalhou na cidade, no CETE, Centro de Estudos Técnicos do Exército.

— E?

— E alguma coisa aconteceu no dia 18 de maio de 1934 e eu quero descobrir o quê.

Ele se remexeu na cadeira de couro.

— Que tipo de coisa?



Lancei a minha cartada suja, jogando a foto do garoto em cima da mesa de Tavares.

— Quem é ele?

— Não sei, mas tenho a impressão que é o filho do Amaral.

Ele se recostou contra a cadeira.

— Não sabia que ele tinha filhos.

— Não achei registro algum, tampouco.

— Então, por que...

— É só uma teoria, mas acho que alguma coisa aconteceu nesse dia. O

suficiente para Amaral pedir baixa uma semana depois, mesmo tendo uma carreira brilhante no exército. O suficiente para ele se tornar um pacifista convicto e...

—, eu parei e o encarei. — O suficiente para ele honrar o dia religiosamente, todo santo ano.

— Você acha que o garoto...

Não consegui deixar de olhar para a foto do filho do delegado em cima da mesa.

— Morreu em alguma circunstância estranha e o caso foi encoberto? Acho, sim.

Ele batucou em cima do tampo da mesa por um longo período.

— Você não vai conseguir nada — ele disse, finalmente. — Me dê um par de horas.

Agradei em silêncio e desci até o meu escritório. Acendi o cigarro do dia e me enrolei com alguns relatórios que precisava terminar até receber uma ligação. Voltei a subir as escadas.

— E então? — perguntei, me sentando.

— Antes da carteira nacional de habilitação, cada cidade possuía seu próprio sistema de exame de condutores e entregava as próprias habilitações.

Ergui uma sobrancelha. Não sabia disso.

— Depois da padronização federal, esses arquivos caíram em desuso, mas ainda estão lá. É um velho truque policial sempre dar uma examinada na papelada. Não sabia se estava recebendo algum tipo de conselho ou sendo repreendido e não descobriria nada se fizesse algum comentário. Na verdade, não dava a mínima, desde que conseguisse a informação.

— O nome dele era Teófilo Amaral Netto. O garotão fizera dezoito anos um pouco antes da data que me pediu para verificar e tirou a sua habilitação. Eles estão mandando uma cópia pelos correios.

Ele parou por um momento, antes de continuar.

— Os demais documentos desapareceram. Certidão de nascimento, óbito, carteira escolar... a polícia de lá não encontrou nada.

Ele virou o rosto de um lado para o outro, num trejeito de impaciência.

— O que se comenta é que o rapaz morreu em uma explosão dentro desse tal CETE, com outros três soldados. Não sobrou nada para ser enterrado, certo?



— Que tipo de explosão?

— Parece que era uma exibição de algum tipo — ele disse, dando de ombros. — Um armamento qualquer. O caso foi classificado como incidente interno e não foi investigado pela civil. Oficialmente, ele não existe.

— E Amaral Netto partiu uma semana depois, sem o filho, sem um tumulto e sem respostas.

Tavares não disse nada e eu parti em silêncio. Não havia nada a ser dito, na verdade. Nada que trouxesse qualquer tipo de conforto.

* 8 *

Com a intenção de devolver a foto ao porta-retratos, retornei novamente ao apartamento de Amaral Netto, com uma sensação desagradável de familiaridade. Por um momento, precisei me lembrar de que aquela era a casa de um homem morto. A atmosfera sombria foi riscada pela luz amarelada que se seguiu a um toque no interruptor. Segui diretamente até o estúdio.

Ao manipular o retrato, notei algo que me escapara antes. Havia algumas marcas no verso da fotografia, como se alguém tivesse escrito algo com uma caneta de ponta cega. Com um lápis, risquei levemente e descobri uma anotação com a caligrafia de Amaral Netto.

Lembre-se de sua humanidade e esqueça o resto.

— Russel — disse, em voz alta, reconhecendo o texto dos meus tempos de aluno de letras.

— Quem? — perguntou Iago.

— Um matemático. Mas se interessou por outros assuntos, como filosofia — disse, tentando pescar as informações de memória. — Ele escreveu um manifesto... assinado por vários cientistas importantes, inclusive... Einstein.

Não foi preciso vasculhar muito para encontrar o que estava procurando. Era um volume fino, escrito em inglês. Até onde sabia, nunca fora traduzido para o português e, naqueles tempos bicudos, duvidada que alguém tivesse a audácia de propor essa publicação. Era o Manifesto Russell-Einstein, assinado por outros grandes cientistas como Max Born, Linus Pauling e Cecil Powell. Até onde sabia, eles alertavam para os perigos da proliferação das armas atômicas e clamavam para que os líderes mundiais buscassem soluções pacíficas para os conflitos internacionais.

Era um texto basilar para qualquer pacifista e não me causou surpresa que ele estivesse em sua biblioteca. No entanto, não imaginava que ele estivesse se referindo ao seu conteúdo.

Examinei o volume, chacoalhei e soprei entre as folhas. Nenhuma pista saltitou no meu colo, com um xis vermelho escrito em batom. Então, levei o livreto até a mesa e liguei a luminária. Meus dedos haviam sentido alguma coisa que os meus olhos não perceberam.



O volume tinha capa dura e, como a maior parte dos livros em capa dura, possuía folhas de guarda no início e no fim. Metade de cada folha de guarda era colada na parte interna da capa dura e a outra metade no miolo do livro. No entanto, a folha de guarda do final do volume parecia ser mais grossa do que deveria.

Desde que lera Fahrenheit 451, nunca me senti bem em violar um livro, mas não tinha outra opção. Com o meu canivete, rasguei a guarda fixa, abrindo um corte longitudinal. Ao chacoalhar o livro, um pedaço de cartão do tamanho de uma nota de cem cruzeiros novos caiu em minhas mãos. Alguns dias atrás, não saberia o que fazer com aquilo, mas, agora, o reconheci imediatamente.

Era um cartão perfurado.

Ora, ora, ora.

* - *

Passei na delegacia central antes de seguir para o Batalhão. Queria ter uma ideia do que aquele cartão significava antes de consultar os verdes-olivas. O sargento Viana me parecia um cara decente, mas o último cara decente que conhecera tentara me furar com um estilete depois que descobri que fraudava cheques ao portador.

Mesmo com Iago torrando a minha paciência, mostrei o cartão para o sargento Yamada.

— E então?

— É um cartão perfurado do tipo Hollerith, com 80 colunas.

— Ahã. E?

— Temos vinte e quatro dados aqui — ele continuou.

— De que tipo?

Yamada abriu um sorriso e eu percebi que falara alguma estupidez.

— Esse tipo de computador não faz distinção entre letras, números ou símbolos. Isso pode ser qualquer coisa.

— Por que vinte e quatro?

— Está vendo aqui? — ele perguntou, me estendendo o cartão. — São vinte e quatro colunas perfuradas, representando algum tipo de dado. Na verdade, não há como saber o que representa. Cada dado pode ter uma, duas ou várias colunas. Pode ser uma letra, um símbolo ou...

— Dois dígitos... — repeti, sorrindo. — É o suficiente. Obrigado, Yamada.

— Mas o que eles representam?

— É o que preciso descobrir.

Voltei ao Batalhão em um final de tarde pavoroso. O vento soprava um bafo úmido, alimentado pelas últimas chuvas. Fomos admitidos rapidamente e logo descobri o motivo. Não havia mais ninguém ali, a não ser o sargento Viana.

— Quase não me pega aqui, Inspetor — ele disse, estendendo a mão, na qual eu depusitei o meu achado.



Viana piscou e prendeu os olhos no pedaço de papel.

— O que é isso?

— Um cartão perfurado.

— Mas...

— Venha comigo — disse, liderando-o de volta para o prédio 3F.

Expliquei para Viana o que Yamada me dissera e o que deduzira a partir disso.

— Você acha que o cartão pode representar números de dois dígitos?

— Doze, ao total — disse. — Existe um corolário usado por espertinhos que gostam de criptografar informações. Os códigos só possuem significado para aqueles que sabem o que estão procurando.

— Uma soma normal...

— Não nos levaria a lugar algum, mas se somarmos de dois em dois dígitos, como Amaral Netto fizera, e usando as tabelas alteradas... — expliquei, deixando que a ideia entrasse em sua mente.

Viana assentiu lentamente.

— Eu posso carregar as tabelas alteradas e criar um programa que some esses números.

Pisquei um olho e seguimos até a última sala. O sargento começou a ligar o maquinário, seguindo uma série de passos que estavam impressos em um grande cartão de informações. Depois de ligar dois disjuntores, foi até o painel de controle para operar uma série de interruptores até o sistema de processamento de dados começar a funcionar. Dezenas de luzinhas brilharam ao mesmo tempo e começaram a piscar de um lado a outro como em uma árvore de Natal. O barulho se intensificou por alguns minutos até diminuir.

Então, Viana foi até a máquina de perfurar cartões e tomou assento. Digitando pausadamente, produziu uma série de pequenos furos nos cartões de oitenta colunas. Depois de alguns momentos, seguiu até a sua mesa e voltou de lá com mais uma pilha de cartões que retirou do fundo de uma das gavetas. Ele carregou a primeira pilha na leitora.

— Esses são os dados da tabela reorganizada pelo Amaral Netto e um programa em linguagem de máquina que fiz para carregá-los — disse, o que não queria dizer coisa alguma pra mim, mas confiei que soubesse o que estava fazendo.

A máquina balbuciou, chacoalhou e piscou por vários minutos antes de parar.

Então, ele inseriu a segunda pilha de cartões, que havia acabado de criar.

— Esse é o programa que fiz para realizar as somas baseadas na tabela alterada. Agora, o cartão.

Entreguei o cartão. Ele inseriu na máquina, que começou a processar. Depois de alguns momentos, uma resposta cuspiu da impressora. Era a tabela alterada e as somas.



| ----- B -----
| 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9
| 0 0 1 4 3 5 2 8 7 6 9
| 1 9 2 1 4 3 6 7 5 8 0
| 2 1 0 2 4 6 7 9 8 3 5
| 3 5 6 7 3 4 0 1 2 8 9
A 4 3 7 8 5 6 0 1 9 2 4
| 5 5 0 2 3 9 1 8 7 6 4
| 6 1 2 4 6 8 9 0 5 7 3
| 7 1 3 5 7 9 2 4 6 8 0
| 8 0 1 2 8 9 5 6 7 3 4
| 9 5 2 8 7 6 9 0 1 4 3

$$12 + 40 = 31$$

$$11 + 18 = 28$$

$$58 + 31 = 31$$

$$11 + 49 = 30$$

$$14 + 26 = 11$$

$$69 + 97 = 31$$

— Bem, se o meu professor de matemática recebesse isso, eu ganharia outro zero para a coleção — comentei, depois que examinei o papel impresso.

Viana sorriu.

— O modelo está exatamente como Amaral o implementou: soma dígito a dígito, sem o vai-um.

— Ótimo. E onde isso nos deixa?

Viana coçou a cabeça.

Olhei novamente para o papel impresso. Amaral Netto sabotara a operação e escondera aquele cartão perfurado. Era óbvio que queria dizer alguma coisa. Mas o quê?

— Será uma coordenada? O código de um cofre? Um número telefônico?

Viana não respondeu, encarando o papel e parecendo pensar. Achei que estivesse fazendo contas de cabeça.

— Os resultados se repetem — comentei, depois de um momento.

— Percebi — disse ele, puxando a folha impressa para mais perto. — Sim, eles se repetem...

Ele me olhou como se subitamente houvesse criado uma segunda cabeça no meu pescoço.

— O que foi?

— Deixa eu tentar uma coisa — ele pediu, voltando para a sua máquina. Ele bateu furiosamente no teclado, criando mais um pequeno conjunto de cartões perfurados.



— O que isso faz?

— Ele vai repetir a soma, mas, agora, programei o computador para traduzir os resultados finais em letras. No computador, não há diferen...

— Entre números e caracteres, só a forma como interpretarmos os dados — recitei e Viana me olhou com assombro. — Eu aprendo rápido.

— Nesse computador, a letra A é representada pelo número 11, a B pelo 12, e assim sucessivamente — ele explicou, enquanto alimentava a máquina. — Sempre dois dígitos. Sequências de dois dígitos que se repetem são frequentes em dados alfanuméricos.

O computador refez os cálculos e voltou a imprimir a tabela e as somas malucas, mas, agora, havia uma letra ao lado de cada resultado.

$$12 + 40 = 31 \text{ U}$$

$$11 + 18 = 28 \text{ R}$$

$$58 + 31 = 31 \text{ U}$$

$$11 + 49 = 30 \text{ T}$$

$$14 + 26 = 11 \text{ A}$$

$$69 + 97 = 31 \text{ U}$$

— Isso lhe diz alguma coisa? — perguntei.

Viana balançou a cabeça e toda a sua postura indicava que estava falando a verdade, ou que era um tremendo ator. Considerando que ele me ajudara até agora, estava tentado a ficar com a primeira opção.

Achei que já havia avançado o bastante até o momento e dei a tarde como encerrada. A minha ideia era terminar a noite com um espaguete e uma cerveja, mas, antes, ainda tinha trabalho a fazer.

Eis o que descobri na enciclopédia Barsa, consultada tardiamente na biblioteca da Universidade.

Urutau — grupo de aves noturnas restritas aos Neotrópicos da América do Sul, que pertencem ao gênero *Nyctibius*, da família *Nyctibiidae* e ordem *Nyctibiiformes*. Também são chamados de mãe-da-lua e emenda-toco. Aves de hábitos noturnos, sua alimentação é constituída de insetos que apanham em pleno voo, além de outros animais de pequeno porte, como morcegos, lagartos e pequenos pássaros. Sua plumagem acinzentada é utilizada para se camuflarem. Para os tupi-guarani, ele é conhecido como o pássaro-fantasma.

* 9 *



No dia seguinte, encontrei o sargento Yamada no escritório e lhe passei uma tarefa, enquanto analisava novamente as últimas informações. Estava remexendo na papelada quando o telefone tocou.

— O sargento Viana está morto — disse Tavares, à guisa de Alô.

— Quê?

— Suba até aqui.

Galguei os degraus até Olimpo o mais rápido que pude, sentindo um gosto de fel se espalhar pela boca. Desabei na cadeira, ofegante.

— O que houve?

— Assassinato.

Praguejei baixinho.

— Sem dúvidas, dessa vez?

— Dois tiros à queima-roupa não deixa muita margem para interpretações — ele resmungou.

— Onde?

— Dentro do Batalhão.

Praguejei suficientemente alto dessa vez para que a secretária lá fora resmungasse uma reprimenda tímida.

— Porcaria. Então, estamos fora — disse, derrotado.

— Não — retrucou Tavares, me examinando nos olhos. — Passei a última hora falando com meia dúzia de comandantes. Eles querem respostas tanto quanto nós. Aquilo me parecia um amontoado de cascatas.

— Eles vão aceitar as provas, seja em que sentido for?

— Não tenho a mínima ideia, mas isso não quer dizer que não tenhamos que fazer a nossa parte da melhor maneira possível.

Era uma forma de encarar as coisas e, a bem da verdade, talvez fosse a única forma sã de realizar aquele tipo de trabalho.

— Você está dentro — ele concluiu.

— Certo — disse, me levantando.

— E Zanko... — ele acrescentou. — Tome cuidado.

Não esperava por essa e acho que a minha expressão denotou toda a surpresa do mundo, pois ele acrescentou.

— Não gosto de você, mas não quero perdê-lo para os verdes-olivas, entendeu?

— Compartilho da sua opinião, senhor — respondi, antes de sair.

Desci e encontrei Yamada me esperando no escritório com uma expressão de quem acabara de levar o fora de uma garota.

— E então? — rosnei.

— Fiz a busca pela palavra-chave Urutau no DOMUS, senhor.

— E daí?



— Fui desligado do sistema antes mesmo que pudesse terminar de digitar — ele resmungou. — Então, recebi uma ligação — disse, olhando para o telefone.

— De quem?

— Não se identificou, mas era de Brasília.

— E?

— Fui aconselhado a não fazer mais perguntas sobre isso, senhor.

Ora, ora, ora.

Aquilo era bom ou ruim, dependendo do ponto de vista. Por um lado, confirmava as suspeitas de que Amaral Netto havia descoberto alguma coisa que não era para ser descoberta. Por outro, indicava que estava me metendo num vespeiro onde pessoas enxeridas tinham o incômodo costume de desaparecer sem deixar rastros. Como o tenente Tarcísio Braga comentara, o país era vasto. Uma cova a mais ou a menos faria pouca diferença.

— Venha comigo — disse, fazendo um sinal para Iago. — Temos uma diligência.

Caía uma chuva forte e contínua quando alcançamos o Batalhão, que havia se fechado como uma ostra em sua concha. Mesmo com todas as promessas realizadas para o delegado Tavares, a nossa entrada foi barrada por quase uma hora, enquanto nossas credenciais eram checadas e rechecadas. Por fim, fomos autorizados a seguir, mas somente após deixarmos nossas armas na guarita. Iago não gostou muito daquilo e eu, tampouco, mas dava para entender o zelo exagerado a partir dos últimos acontecimentos.

Fomos acompanhados por dois soldados muito jovens com capas de chuva e portando metralhadoras, o que estava longe de ser uma combinação saudável. Após deixar a Rural Willys estacionada no prédio principal, seguimos por uma estradinha de pedregulhos por uns cem metros. Pingando e chapinhando, entramos no alojamento.

O clima lá dentro parecia querer rivalizar com a tempestade que se abatia sobre Porto Alegre. Um grupo de soldados, cabos e sargentos perambulava por ali, com as expressões tensas e tocos de cigarros entre os dedos. Eles me olharam com expressões irritadas, como se a minha presença maculasse o local. Não estavam acostumados com civis interferindo em seus afazeres, fossem quais fossem. Atravessamos o átrio em silêncio e seguimos por um longo corredor.

O alojamento era dividido em duas casernas coletivas, compridas e mal ventiladas, onde a soldadesca dormia em camas de ferro alinhadas. O ar carregava um cheiro persistente de graxa, suor seco e tecido úmido. Entre as casernas, uma cozinha pequena e funcional parecia lutar contra o uso contínuo. Um cheiro forte de café e de mate amargo buscava refúgio nos armários de fórmica.

O nosso destino ficava ao fundo, onde eram alocados os suboficiais em quartos separados, com camas arrumadas com rigor e móveis de madeira. Passamos por um sargento baixinho, com não mais do que um metro e sessenta de altura, que tinha os olhinhos brilhantes piscando em cima de um cigarro trêmulo. Ele tentava



se esforçar para parecer duro e severo, sem grande sucesso. Seguimos até o último quarto, guardado por dois soldados de prontidão.

A cena do crime estava tão bagunçada quanto a de qualquer outro assassinato envolvendo uma arma de fogo e um alvo imóvel. Viana levava um tiro na cabeça, disparado à queima-roupa, e um segundo no peito, ambos abafados por um travesseiro que espalhara penas e sangue por todo o lado. Iago engoliu a respiração ao meu lado.

— Controle-se — pedi. — Ou se afaste. Não quero contaminar ainda mais a cena do crime.

Ele assentiu, o rosto lívido e os olhos levemente disformes. Iago já vira alguns corpos, mas um caso desse tipo é excepcionalmente ruim. Ele enfiou uma bala de menta na boca enquanto tirava fotos.

Examinei a cena do crime o melhor que pude, sem encontrar qualquer coisa relevante. Pouco depois, chegou o dr. Olsten com a sua equipe.

— Mandei o relatório preliminar para a sua mesa — ele disse, à guisa de saudação.

Pisquei por um momento para tentar entender do que ele estava falando.

— Amaral Netto? — perguntei, recebendo um ahã afirmativo como resposta. — Descobriu alguma coisa?

— Que ele não tomou o fenobarbital — ele disse.

Assenti. A hipótese de suicídio, que já tinha descartado intuitivamente, parecia cada vez menos provável.

— E as contusões?

— Não temos como afirmar se foram infligidas ou não — respondeu, antes de começar a trabalhar.

Enquanto o médico examinava o corpo, abri os armários e baguncei as gavetas, mas fora alguns livros de ficção-científica em papel jornal e duas revistas em quadrinho pornográficas do Zéfiro, não encontrei coisa alguma. Havia duas pastas com documentos e fotografias, com variados graus de intimidade, e os li sem pudor. No entanto, nada parecia ter qualquer relação com seu assassinato.

Olsten mediu a temperatura do corpo e estimou que a morte ocorrera perto da meia-noite.

— E aí? — perguntou Iago, enquanto eu permanecia na porta, observando a movimentação dos técnicos quando eles começaram a se retirar.

Olhei para o corredor e balancei a cabeça.

— Se eu fosse matar alguém, não faria isso aqui. Esse lugar está cheio de soldados. Por que aqui? Por que hoje? O que aconteceu para o assassino tomar essa medida desesperada?

Gastei o resto da manhã em entrevistas pouco satisfatórias, onde todos me contaram coisas que eu já sabia sobre ele ou a família. Viana não tinha namorada, nem grandes amigos fora do quartel, a não ser alguns antigos colegas de



REPARTIÇÃO CENTRAL DE P

CONFIDENCIAL

faculdade, que se reuniam de tempos em tempos. Anotei alguns nomes em minha caderneta, mas tinha pouca esperança que aquilo me levasse à algum lugar.

Sobre a noite anterior, nenhum soldado, cabo ou sargento vira nada, ouvira nada ou falara nada. Viana recolheu-se após o jantar e ninguém mais o viu com vida. Apertei seus vizinhos de quarto até que eles admitiram que estavam reunidos num carteadado na cozinha durante a provável hora do crime, o que favoreceu o assassino. Bisbilhotei entre a soldadesca, mas, como já imaginava, Viana tinha pouquíssima relação com eles. Ele fora transferido para participar do tal projeto e passava a maior parte do tempo envolvido com seus assuntos. Dei a volta no alojamento, chapinhando nas poças d'água. Não havia sinais de arrombamento interno ou externo e nem pegadas comprometedoras perto da janela do sargento, mas descobri algo. Nos fundos, logo após os quartos dos suboficiais, havia um pequeno depósito. A porta externa estava aberta. Dali, bastava atravessar o corredor para alcançar o quarto do sargento Viana.

Chamei a equipe técnica para examinar as maçanetas, mas perdi as esperanças pouco depois. A chave ficava pendurada na cozinha e poderia ser usada por qualquer um.

Fui até o prédio 3F, onde fomos recebidos pela secretária Rossi, que nos ofereceu um bule de café para nos recompormos da chuvarada. Ela parecia estranhamente controlada, mas era possível ver o canto dos seus lábios tremendo. Tentei apaziguar seus ânimos, sem muito sucesso. Depois de alguns comentários genéricos sobre a falta que o sargento Viana faria, aproveitei para perguntar.

— Amaral tinha alguma relação com pássaros?

Ela me olhou com curiosidade, franzindo o cenho.

— Pássaros?

— Animais esvoaçantes que gostam de sujar nossas roupas no varal.

Ela sorriu, apesar do gracejo ruim e de o momento não ser o mais adequado.

— Duvido. Ele era, por falta de uma palavra melhor, um homem de apartamento. Preferia os números e suas máquinas. Duvido que tivesse algum tipo de interesse pelo mundo natural.

Visualizei o seu apartamento por um momento na minha mente e não consegui me recordar de nenhum tipo de vaso de flores. Ele era um sujeito que provavelmente mataria um cacto por falta de cuidados.

— Já ouviu falar de um urutau? — insisti.

— Não tenho ideia do que significa — ela disse, balançando a cabeça.

— Nem eu — admiti.

Logo depois, nos reunimos com o que restara da equipe. O tenente Tavares não parecia contente, mas eu não sabia dizer se era por causa do assassinato ou da nossa interferência. Provavelmente, estava irritado com os dois. O tenente Cerqueira já não parecia tão elegante assim. Seu cabelo perdera o viço e seus olhos pareciam piscar sem parar. Ele desabotoara o paletó e parecia suar em



mangas de camisa. Tentara acender um cigarro por duas vezes, sem sucesso, e precisou da ajuda do tenente Souza Pinto, cuja expressão estava mais feia do que de costume, o que era algo digno de nota.

— Estamos em perigo? — perguntou Cerqueira, assim que nos sentamos.

O comentário arrancou um ricto de desprezo de Tarcísio, mas a pergunta estava longe de ser impertinente.

— Duas mortes em menos de uma semana dá algo em que se pensar — disse.

Ele recolheu-se contra a cadeira, como se estivesse sentindo algum tipo de arrepio. Batucou com o cigarro no cinzeiro e falou, sem se virar para o seu oficial.

— Talvez devêssemos suspender o projeto até...

— Ninguém fará nada — interrompeu o tenente Tarcísio com sua voz de trovão. — Nosso cronograma não sofrerá atrasos.

— Mais atrasos, você quer dizer — rosnou Souza Pinto, contorcendo os dedos. — Nosso prazo já estava estourado sem o Amaral Netto e agora perdemos nosso melhor programador. Como espera que tenhamos sucesso se...

— Esse não é o local nem o momento para discutirmos o projeto — rosnou o tenente novamente.

— Pois eu acho que esse é exatamente o local e o momento para isso, senhor — intervim.

Ele me encarou, furioso.

— Recebi o relatório do legista — continuei. — Amaral não cometeu suicídio. Não havia traços do fenorbital em seu estômago. Alguém plantou aquelas provas lá. Foi assassinato, assim como o do sargento Viana.

— É óbvio — resmungou Cerqueira, fazendo um grande trejeito com as mãos, mas eu só tinha olhos para o tenente Tarcísio, que continuava a me encarar com uma expressão azeda.

Fiquei com a impressão de que ele estava louco para dizer alguma coisa.

— Alguma teoria?

— É claro.

Ele permaneceu em silêncio por tempo suficiente para que eu tivesse que continuar.

— Adoraria que compartilhasse sua ideia conosco, senhor.

— Comunistas.

Cocei o topo da cabeça, onde uma pontada estridente começava a se formar.

— Elabore — pedi, sabendo que iria me arrepender.

— Estamos envolvidos em um projeto ultrassecreto aqui, com grande potencial para dar ao Brasil um lugar de direito nas Nações Unidas — ele disse, em tom de palestra. — Nosso trabalho pode realmente fazer a diferença.

— E você acha que os stalinistas estariam preocupados com o papel do Brasil nas Nações Unidas?



REPARTIÇÃO CENTRAL DE P

CONFIDENCIAL

— Somos aliados dos norte-americanos — ele retrucou, com evidente orgulho na voz.

Aquilo era verdade, mas eu achava a motivação um tanto frouxa.

— Você acha que um espião comunista teria acesso ao quartel? — perguntei, batucando com o meu cigarro vazio no tampo da mesa. — Isso não vai pegar muito bem.

Tarcísio se remexeu na cadeira desconfortavelmente.

— Esses homens são diabólicos — resmungou.

— Deve ser pelas bandeiras vermelhas.

Ele me encarou com uma expressão solene.

— O senhor não está me levando a sério.

— Não sou de fazer gracejos, mas você não está me ajudando. Escute aqui — continuei, quando ele tentou contra-argumentar. — Essa sua papagaiada pode servir para colocar estudantes cabeludos em camburões, mas não serve para uma investigação de assassinato.

— Eu só sei...

— Nunca é sobre o que você acha que sabe, mas é sobre o que você pode provar — interrompi novamente.

Com um gesto brusco, acendi o cigarro do dia.

— Se algum comunista quisesse atrapalhar o projeto matando qualquer um de vocês, não o faria dentro do quartel — continuei, apontando para os últimos três membros da equipe. — E, uma vez aqui dentro, esse suposto agente infiltrado poderia ter destruído todos os dados e equipamentos, sabotando completamente as operações. Nada disso foi feito. Viana foi morto e nada foi roubado ou destruído. Isso foi pessoal.

— Então, quem? — protestou Cerqueira.

— É o que eu pretendo descobrir.

* 10 *

Uma noite mal dormida não me trouxe nenhum tipo de inspiração e rever os relatórios pela manhã tampouco me deu uma linha de ação. Depois de almoçar um sanduíche úmido que o entregador trouxe abaixo de chuva, fiquei ouvindo as últimas notícias no rádio enquanto pensava.

Iago captou meu olhar quando me remexi na cadeira.

— O que foi?

— Estou lembrando do meu instrutor na Acadepol — disse. — Ele não gostava de livros policiais, pois considerava-os demasiado romanceados. Argumentava que a polícia de verdade pegava os culpados correndo, examinando papéis ou repetindo perguntas de forma exaustiva.

— Não é muito glamouroso.



— Não é para ser glamouroso. É um trabalho, como qualquer outro. Foi o que o Delegado me disse.

— O delegado Tavares?

Ignorei o comentário enquanto me levantava, já pegando o casaco.

— Venha comigo, sargento Yamada. Vou precisar da sua ajuda. Iago, fique perto do telefone.

— Onde vamos? — perguntou o sargento, enquanto saímos porta a fora.

— Examinar papeis.

Um quarto de hora depois, ainda embaixo de uma tempestade que prometia afogar a capital, alcançamos o Batalhão. Foi preciso mais meia hora para sermos recebidos. Entregamos as armas, a Rural foi revistada e quase precisei entregar um exame de sangue, mas acabamos correndo embaixo da chuva até o prédio 3F.

— Inspetor — disse a secretária Rossi, nos recebendo com um olhar surpreso. Ela levantou-se, apesar do meu gesto. — Não sabia que haviam marcado uma entrevista — continuou, olhando apreensiva para seus papeis.

— Não viemos falar com os rapazes — disse, fazendo um gesto em direção ao corredor. — Na verdade, gostaria de dar uma olhada nos arquivos — pedi, lançando um olhar de soslaio para os armários de metal atrás dela.

Ela estacou e colocou uma mão sobre o tampo da mesa, parecendo desconfortável.

— Eu não sei...

— Sei que há arquivos confidenciais, mas tenho certeza de que há vários documentos desclassificados no escritório — disse, aproximando-me e segurando as suas mãos com delicadeza. — Eu estou com receio, srta. Rossi. São duas vítimas. Isso precisa parar. Agora.

As minhas frases de efeito acabaram produzindo o fruto que esperava e ela capitulou. Não foi o truque mais cavalheiresco do mundo, mas eu não menti completamente para ela. O assassino já fizera duas vítimas e, apesar de não achar que a srta. Rossi estivesse em sua mira, não via motivos para que ele simplesmente parasse de matar agora.

Ela nos levou até a antiga mesa de Amaral Netto e nos presenteou com várias pilhas de arquivos dos mais variados tipos. Pelo resto da manhã, revisitamos toda a rotina do prédio 3F do 8º Batalhão de Logística, entre bules de café um cinzeiro abarrotado pelos cigarros chiques do sargento Yamada. Descobrimos informações sobre os soldados designados para limpar o local, os técnicos que haviam instalado um ramal exclusivo entre a srta. Rossi até o comando central, a frequência e a operação das equipes de manutenção elétrica, o serviço de recarga dos extintores contra incêndio, a firma contratada para acabar com uma infestação de cupins no gabinete do tenente Tarcísio, as aquisições semanais de folhas de papel contínuo para a impressora, documentos designando o pagamento



REPARTIÇÃO CENTRAL DE DOCUMENTAÇÃO

CONFIDENCIAL

de horas-extra para os participantes do projeto, e alguns telegramas sobre assuntos banais do exército, como felicitações pelo dia do soldado e outras bobagens do gênero.

Enquanto examinávamos uma lista do último inventário, a srta. Rossi apareceu para trocar o nosso bule de café com um memorando em duas vias na mão. Agradei com um gesto vago, mas meus olhos se concentraram no papel carbono que ela trazia entre as folhas. Olhei para a lista do inventário e me volvei para ela. A secretária me encarou, mas eu não a olhava, de verdade.

— Yamada, veja isso — pedi, quando ela se retirou, empurrando as listas que estava examinando.

— O que é?

— É o inventário realizado no início do ano — expliquei. — Veja a primeira folha.

Ele examinou-a, murmurando.

— Temos o computador... E o leitor e perfurador de cartões perfurados, código 1622, um controlador de plotter, código 1626, um plotter, código 1627... e uma impressora, a 1443. Parece tudo certo.

Estendi uma segunda página.

— Só que aqui tenho outra nota. Há uma segunda impressora 1443.

Yamada pegou a folha, examinou-a rapidamente, franziu o cenho e me encarou.

— Seria possível ligar essa segunda impressora no computador? — perguntei.

— Com qual objetivo?

— Fazer uma cópia de tudo que fosse calculado.

Ele parou por um momento.

— Em teoria, sim. Seria possível montar um circuito de escuta passiva com repetidores soldados com relés ou transistores para recriar os pulsos elétricos em uma linha derivada que acionasse a segunda máquina.

Não entendi quase nada, mas a parte do sim era o suficiente.

— E se eu quisesse montar esse circuito de forma clandestina?

— Ele teria que ser instalado em algum lugar — ele disse, depois de pensar por alguns segundos. — Não seria muito pequeno e nem um pouco silencioso.

Me lembrei do que Viana comentara sobre a máquina barulhenta.

— Estamos no caminho certo. Vamos.

— Mas por que tudo isso, senhor? — ele pediu, enquanto deixávamos o escritório.

— Viana rodou o tal programa e me entregou o resultado em um papel impresso. Na mesma noite, foi assassinado. Pelo que entendi, essas máquinas não tem memória de longo prazo, certo?

— Não, senhor — ele confirmou, parecendo compreender. — Em tese, não há como alguém descobrir ou reproduzir os resultados depois de impressos, a menos que tenha acesso aos dados originais. E, se o senhor ficou com a única cópia do cartão de dados...



— Então, alguém sabia o que nós havíamos feito.

Fomos até a sala de computação. Só havia o tenente Cerqueira lá.

— O que foi? — ele pediu, quando entramos.

O ignorei solenemente.

— Dê uma olhada na impressora — disse, e Yamada seguiu até o pesado equipamento.

Cerqueira levantou-se.

— O que está acontecendo?

Mas não me dignei a responder.

— A conexão parece correta, senhor — disse Yamada, depois de alguns momentos. — Não há nada aqui.

Me abaixei e examinei a máquina por mim mesmo. Enquanto isso, Cerqueira dava seu chlique.

— Mas o que estão fazendo?! Vocês não podem entrar aqui como se estivessem em algum depósito! Essas são máquinas extremamente delicadas!

Me virei para Yamada.

— E o armário? — pedi, apontando para o móvel que sustentava a máquina.

— Está fechado — informou, ao tentar abrir a porta.

Puxei meu canivete.

Cerqueira aproximou-se, protestando numa voz arfada.

— Inspetor, o senhor não pode fazer isso!

Eu finalmente me virei para ele.

— É? Acho que posso — rosnei, forçando a lâmina.

Arrebentei a fechadura e escancarei a porta.

O circuito clandestino estava lá, exatamente como Yamada havia descrito, com os seus resistores, diodos, transistores e outras parafernálias. E havia um emaranhado de fios escapulindo por um cano que atravessava a parede.

— Que diabos é isso? — perguntou Cerqueira, agachando-se ao meu lado.

Encarei o sujeito. Não sabia como reagir àquela expressão. Ele era um desgraçado vaidoso e egoísta, mas isso não o tornava imediatamente culpado de assassinato. Como expliquei para Viana, não haveria cadeias o suficiente para prender imbecis se fôssemos colocar todos atrás das grades. Pelo sim, pelo não, mantive-o sob suspeita.

— Fique de olho nele — sussurrei para Yamada, enquanto me levantava. — O que tem aqui? — perguntei, batendo na parede detrás do computador com o nó dos dedos.

Cerqueira apenas balançou a cabeça, sem responder, de fato. Olhei de um lado para o outro. Só havia uma porta disponível. Atravessei a sala com passos rápidos.

— Você não está pensando...

Não lhe dei o trabalho de concluir a frase antes de arrombar a porta do tenente Tarcísio com o meu ombro. Segui até os fundos, com Cerqueira nos meus



calcanhares e Yamada na sua cola. Havia uma porta ali, que supostamente dava para o banheiro particular, o que se provou verdadeiro.

Examinei rapidamente o local e empurrei um armário que me pareceu grande demais para um lavabo tão pequeno. Atrás, havia uma porta escondida.

Arrombei a terceira porta do dia e meu ombro reclamou.

O quarto era minúsculo, quase um armário de vassouras. Só havia uma pequena mesa, uma lâmpada incandescente no teto e uma peça de maquinário importada no valor de milhares de cruzeiros novos no centro, piscando. Em uma prateleira de madeira, pilhas e pilhas de papéis impressos com diversos tipos de anotações.

— A segunda impressora 1443 — anunciei.

— Eu não sabia de nada — disse Cerqueira, com um brilho de susto em seus olhos. — Quem estava imprimindo cópias do nosso trabalho?

Mas a sua pergunta ficou sem resposta, pois outra indagação suplantou a primeira em alguns decibéis.

— Que diabo está acontecendo aqui?!

Retornamos até a sala do tenente Tarcísio Braga, onde ele nos esperava com olhos injetados de sangue e uma pistola nas mãos.

— Olá, tenente Tarcísio — disse, num tom casual, enquanto lamentava inutilmente pela minha arma ter sido confiscada.

— Tenente Cerqueira! — ele esbravejou, virando-se para o colega. — O que é esse ultraje?

— Ele não tem nada a ver com isso — disse, vindo em seu socorro. — Fui eu que ataquei suas portas, mas conheço um bom marceneiro. Se quiser, posso...

— Cale a boca, desgraçado! — ele rosnou, com a arma em punho. Sua respiração parecia pesada e ele começou a balançar o corpo para a frente e para trás, os dedos tremendo sobre a arma.

Tentei me aproximar, mas ele levantou a pistola. Me sobrava apenas uma única abordagem: enrolá-lo até que alguém aparecesse.

— Amaral Netto descobriu sobre o Urutau — disse, anunciando o óbvio. — Essa foi a sua sentença de morte.

Os dois me encararam e percebi que alguns segredos haviam sido compartilhados, afinal.

— Você está errado, Inspetor — respondeu Cerqueira, sorrindo várias vezes, com uma expressão imensamente aliviada.

Encarei Tarcísio e notei que a arma sequer tremera.

— Estou? — perguntei, com um arremedo de sorriso nos lábios.

— Amaral Netto não tinha ciência sobre o Urutau. Ele nunca soube. Você se enganou.

— É? Então por que diabos ele codificou o nome da operação em um cartão perfurado que escondeu em sua casa?

O rosto de Cerqueira girou em minha direção, com uma expressão cheia de contrações desagradáveis.



— O quê? Não! Do que está falando? Isso é impossível! Absolutamente impossível!

Encarei Tarcísio e vi que ele não achava tão impossível assim. Na verdade, permanecera em silêncio, com um músculo repuxado nas suas faces.

— Ele não sabia — insistiu Cerqueira, se recostando contra uma cadeira. — Não poderia saber. Nunca teria vindo trabalhar conosco se soubesse... nunca...

— Porque seu filho morreu no campo do CETE — disse.

Cerqueira teria engolido o cigarro se estivesse fumando.

— Como? — balbuciou. — Como soube...

— Essas coisas deixam pontas soltas, Cerqueira. Por mais que tentem apagar, um corpo nunca desaparece totalmente.

— Quem procura osso é cachorro — rosnou o tenente Tarcísio.

Em um movimento involuntário, levei à mão ao coldre vazio, recebendo apenas uma risada curta como resposta. Nos encaramos por alguns momentos até que Cerqueira quebrou o silêncio assassino, virando-se para Tarcísio.

— Você sabia? — seu tom de voz era acusador. — Sabia que ele estava ciente?

— Ele descobriu — disse o tenente, sem tirar os olhos de mim. — Não sei como, não me pergunte... Mas ele descobriu.

— Isso... é terrível — Cerqueira voltou a balbuciar. — Nós mentimos para ele. Eu dei a minha palavra...

— De que o projeto não teria fins militares, mas era exatamente o oposto, não era? Um satélite de comunicações? — disse, forçando um riso amargo de uma piada sem graça. — Por que diabos vocês fariam um...

Apertei os lábios assim que fui tomado por uma súbita inspiração. Deixara de ver o panorama mais amplo e me concentrara apenas nas pistas. Um erro grosseiro.

— Urutau, o pássaro-fantasma. Um satélite espião. Era isso que estavam planejando aqui, não era?

Cerqueira me deu toda a resposta que precisava, mas o tenente Tarcísio não mexeu um único músculo. Eu estava desmontando o seu esquema de mentiras e mortes, pedaço por pedaço, e ele mal piscara. Maldito fosse aquele sujeito.

— Os inimigos da revolução nunca dormem — ele declarou, por fim.

— Guarde esse papinho para a soldadesca — rosnei. — Amaral Netto descobriu a verdade e começou a sabotar o projeto. Você o espionou com a sua máquina paralela e o matou. Por que não o prendeu? Ou simplesmente o mandou para casa?

— Ele não poderia sair — disse Tarcísio, mantendo a arma apontada para o meu peito. — Estávamos em um momento crítico no desenvolvimento do sistema de posicionamento e tinha dado a minha palavra de que ele havia aceitado participar do projeto.

— Entendo — disse, sentindo cada gota da miséria humana escorrer pela minha garganta. — Cairia em desgraça se ele simplesmente fosse preso por traição ou demitido. A mentira que contou para cooptá-lo viria à tona. Um assassinato para salvar a carreira.



REPARTIÇÃO CENTRAL DE **CONFIDENCIAL**

A minha declaração abalou Cerqueira, que deu um passo atrás e quase tropeçou na cesta de lixo.

— Eu não sabia de nada... de nada... — voltou a resmungar.

— Esse aí não vale o que come — resmungou Tarcísio, fazendo um gesto brusco com a arma. — Não é um soldado, de fato.

— É mais homem que você — rosnei. — Matou um sujeito inocente, que já dera o sangue do próprio filho para o seu maldito exército. Depois, assassinou Viana, quando seus segredos ameaçaram escorregar pelos dedos.

— A liberdade precisa ser regada com o sangue de patriotas e traidores — ele declamou.

— Não seja mais idiota do que precisa — respondi, fazendo um gesto em direção aos outros. — O que pensa que vai fazer? Me matar? Matar o sargento Yamada? Matar Cerqueira? Quantas covas acha que pode esconder no seu quintal?

— Vocês me ameaçaram e eu tive que contê-los — ele disse, apontando para mim e para Yamada.

— Ninguém vai acreditar nisso.

— Eles vão acreditar no que contarmos.

Havia verdade demais naquilo para que eu ficasse tranquilo.

— Você está comigo nessa, tenente Cerqueira? — ele perguntou.

Cerqueira se remexeu novamente e seus olhos vacilaram, como se tentassem se desprender da visão da pistola, sem sucesso. Sua resposta foi quase imperceptível, num baixar de olhos.

— Sinto muito — ele disse, sem se virar para mim.

— Não tem problema — assegurei-lhe, sinceramente. Em sua defesa, devo dizer que é difícil não ser prestativo quando se está do lado errado do cano de uma arma.

Eu sorri, sem motivo algum, enquanto Tarcísio levantava a arma até a altura das minhas vistas. Dizem que quando você está prestes a morrer, a vida escorre entre seus olhos, mas tudo o que percebia era uma veia saltada do tenente pulsando horivelmente perto de sua têmpora. Ele teria um aneurisma se continuasse assassinando pessoas, o que provavelmente salvaria a vida de alguém no futuro.

Ouvi mais do vi a arma sendo engatilhada, o cano escuro mirando entre meus olhos.

E Cerqueira voou no braço do tenente, um salto meio louco, sem direção e feito no improviso. A arma disparou, mas eu não senti o baque e só percebi o que aconteceu quando Cerqueira cambaleou por cima de Tarcísio. Ele escorregou para o chão com o cano entre os dedos e um furo vermelho na barriga.

O tenente Tarcísio se recuperou mais rapidamente. No segundo seguinte, escapulia pela porta.

— Fique com ele — rosnei para Yamada, antes de sair porta afora.



O sargento disse alguma coisa, mas não ouvi. Estava irritado, e mesmo que a irritação não fosse uma grande conselheira numa investigação policial, a adrenalina era a melhor coisa quando você precisava pegar um bandido.

Saí em perseguição pelo corredor e quase esbarrei na srta. Rossi em sua sala.

— Inspetor!

— Para onde ele foi?

— Eu ouvi um tiro...

— Cerqueira foi baleado — informei. — Ele precisa de um médico. Para onde foi o tenente?

Ela me olhou e estacou. Praguejei e repeti, me empenhando em reforçar as últimas instruções.

Ela assentiu debilmente e apontou para os fundos do quartel. Fiz um sinal para o telefone, enquanto seguia naquela direção.

Era uma perseguição sem muito sentido, mas eu já estava farto daquele maldito. Se Cerqueira sobrevivesse, poderia testemunhar contra Tarcísio, mas um tiro na barriga era um tiro na barriga e seria melhor eu colocar o desgraçado atrás das grades por ter atirado contra um colega de farda do que esperar o depoimento de uma vítima moribunda. Assim, começamos a nossa brincadeira de gato e rato dentro da caserna. O problema era que ele tinha todas as vantagens. Conhecia o local, tinha amigos entre os poucos soldados que circulavam por ali aquelas horas e sabia onde estavam as armas. Eu só poderia contar com a minha astúcia e com o pico de adrenalina de ter visto o clarão de um disparo em minha direção e que se perdera.

A chuva escurecera o céu naquele final de tarde, tornando o pátio mais escorregadio e vazio. Vi um vulto desaparecer no final de uma longa galeria de teto de zinco que ligava dois prédios e corri para lá. Parei na entrada, me abaixei e dei uma espiada com cuidado. Uma porta ao fundo balançava lentamente. Voltei a correr e invadi um local espaçoso, repleto de mesas compridas e bancos lhe fazendo companhia, que só poderiam pertencer ao rancho do quartel. Ouvi um barulho de confusão nos fundos e me dirigi até lá, entrando na cozinha escura. Havia alguém gemendo. Segui pelo corredor formado por painéis e armários de mantimentos, virei num canto e recuei quando meu pé pisou num homem que se encontrava ali.

O sujeito estava caído de bruços, uma das mãos no estômago e outra na cabeça, de onde partia um fiapo de sangue. Recebera uma bela pancada. Coloquei um dedo em seu pescoço; respirava ainda e não parecia correr risco de vida, apesar de provavelmente ter sofrido uma concussão. Pelas roupas, reconheci que era um soldado da polícia do exército.

Praguejei baixinho ao passar as mãos pelo seu coldre vazio. Ao contrário do que se costumava acreditar, soldados não andam armados o tempo inteiro. O armamento sempre era mantido no paiol, disponibilizado apenas para a guarda ou



em situações de instrução ou exercícios militares. A pistola do soldado desaparecera e tinha uma boa ideia de onde ela poderia estar.

Segui com mais cuidado, pensando nas minhas opções. Estava sozinho, desarmado, andando a esmo em um local estranho que o criminoso conhecia muito bem. Durante um breve momento, pensei em fugir ou pedir ajuda, mas as duas opções não me apeteciam. Se voltasse para a guarita, levaria um bom tempo para conseguir reforços e o desgraçado fatalmente fugiria. Se pedisse ajuda, era grande a possibilidade de acabar preso ou de levar meia dúzia de tiros de advertência nas costas. Afinal, seria praticamente impossível convencer os soldados de que o tenente Tarcísio era um assassino sem apresentar nenhum tipo de prova.

Ignorando o bom senso, esgueirei-me entre os corredores, seguindo os respingos d'água dos seus sapatos molhados. O lugar estava às escuras, mas as janelas deixavam entrar a luz das lâmpadas externas e eu conseguia me mover razoavelmente bem. Percorri um corredor mais comprido e percebi que os rastros seguiam para uma ampla sala envolta nas sombras. Estava prestes a entrar, quando parei.

Havia algo errado, eu só não sabia o quê.

Espiei para dentro, mas não consegui perceber nada. Os rastros continuavam naquela direção. Eu deveria me esgueirar para dentro, mas todo os meus instintos diziam que isso era uma grande bobagem e eu sempre confiei nos meus instintos. Apertei os lábios e me abaixei, olhando para o corredor e voltando-me para a sala, finalmente entendendo.

Os rastros haviam se tornado claros demais. Havia muita água ali. O suficiente para que eu não perdesse o caminho. Tarcísio percebera e me preparara uma armadilha.

Em vez de entrar, saltei para o outro lado do corredor e me esgueirei, torcendo para que houvesse uma segunda entrada.

Havia.

Um vulto parado e rígido, com uma arma nas mãos, apontava para a outra porta. Eu estava a pouco mais de dois metros dele e da pistola brilhante. Não teria chance melhor.

Saltei naquela direção e senti o estampido explodindo em minha direção pela segunda vez naquele dia. Prometi a mim mesmo que não haveria uma terceira.

O tiro arruinou o meu casaco, mas não me atingiu. Eu estiquei o braço durante o pulo e acertei o seu ombro direito quando aterrissei. Não foi um golpe muito bonito, mas foi eficaz. Ouvi o barulho da arma caindo no chão.

Eu era uns quinze anos mais novo e passara pelo treinamento básico da polícia. O desgraçado era mais velho, mais experiente e era um assassino nato. Já provara que podia matar a sangue-frio. Eu queria prendê-lo, mas não perderia o sono se ele saísse daqui com um paletó de madeira.

Tarcísio pretendia me matar. Ponto.



Ele se recompôs da surpresa mais rápido do que imaginei. Um dos seus punhos acertou-me de raspão na cabeça. Me abaixei um pouco e ele aproveitou para acertar um segundo golpe no meu ombro. Eu dei um soco em sua virilha, o que o fez cair para trás com um gemido alto. Achei que havia resolvido o assunto, mas dois socos seguidos no meu peito eliminaram essa impressão. Um terceiro veio em direção ao meu maxilar, mas consegui desviar a tempo, esgueirando-me junto a parede.

Nos encaramos no lusco fusco. Havia raiva em seus olhos, o que era compreensível, mas também algum tipo de desprezo. Talvez por que eu fosse civil, ou talvez porque eu o vencera em um jogo em que ele se esforçara muito para esconder. Tarcísio cuspiu sangue e se aproximou com ambos os punhos. Tentou um golpe, depois outro, mas consegui me desviar. Na minha vez, acertei-lhe um soco na barriga. Ele engoliu uma boa golfada de ar, cuspiu novamente e voltou a se aproximar.

Não poderia continuar com aquilo para a sempre. Não se pode dançar com o diabo indefinidamente sem sair chamuscado. Ele tentou um cruzado, mas seus dedos só encontraram a parede. Achei que recuaria por causa do golpe, mas ele se recuperou com um rilhar de dentes e martelou a minha barriga, bombardeando o meu estômago umas duas vezes. Cambaleei para trás, mas consegui me equilibrar. Se caísse, era o fim.

Ele não avançou, massageando os dedos por um momento. Ele me observou dando um passo para trás para recuperar o fôlego e sorriu.

Não gostei daquilo.

Da bota direita, retirou uma faca de cabo de osso, uma lâmina de uns doze centímetros, que segurou com uma desenvoltura que me deixou inquieto. Ele se aproximou devagar, obliquamente, meio agachado, com a ponta mirando o meu peito. Num último floreio, girou a faca e atacou. Me desviei.

Uma linha incandescente surgiu ao lado do meu quadril quando a faca abriu seu caminho. Meu cinto largo me impediu de ser empalado. Quando percebi que sobreviveria, o pensamento me atingiu como um raio e ataquei. Fechei os punhos e acertei-lhe um golpe com todas as forças nas costas.

Ele caiu e tentei acertar-lhe um chute, mas ele segurou a minha perna e me derrubou com uma rasteira. Comecei a me contorcer e me debater, e senti o fio da faca passar pela minha perna, sem grandes consequências. Chutei, briguei e empurrei. Provavelmente, não era uma coisa muito bonita de se ver, mas foi eficiente. A lâmina dele bateu novamente em minha barriga, o que foi o suficiente para que eu pudesse agarrar a mão que a segurava. Torcei seu pulso até sentir algo estalar. Ouvi um grito antes do barulho do metal caindo no chão.

Rolei para o lado, mas ainda fui atingido de raspão por um cotovelo antes de me levantar. Estava sangrando, cansado e com medo. E, de alguma maneira, ele achara a faca novamente com o braço bom. Estava apoiado num joelho dobrado e, com um gesto brusco, saltou.



REPARTIÇÃO CENTRAL DE

CONFIDENCIAL

Agi de forma impulsiva. Curvei meu antebraço contra o braço que segurava a faca e girei seu pulso contra si mesmo. Com a força do impulso, a ponta entrou na parte mole da garganta, enterrando a lâmina até o cabo.

Ele gorgolejou, o sangue escapando pelo buraco recém-aberto. Ele pôs a mão livre sobre a faca, mas não havia nada a ser feito. Escorregou para o chão aos pouquinhos, enquanto eu o segurava, a sua vida esvaindo como o sangue que escorria entre meus dedos.

* 11 *

Foram dias atribulados entre o hospital, para costurar o meu quadril, e os inúmeros depoimentos, tanto na esfera civil como na militar. Recebi alguns resmungos amistosos no Palácio da Polícia, o que era um reconhecimento magnânimo, considerando que a grande maioria preferia fingir que eu e o meu departamento não existiam. Para o bem ou para o mal, o delegado Tavares não poderia se dar a esse luxo e me chamou ao Olimpo assim que retornei às minhas funções.

Entrei mancando, mas ele não perguntou nada nem teceu qualquer comentário. Sentei e ele deu uma última olhada nos papéis à sua frente antes de me encarar.

— O tenente Tarcísio foi enterrado sem honrarias militares — disse, em tom de explicação. — Foi expulso antes dos serviços fúnebres por agir contra a revolução.

— Ele vai se revirar no túmulo — comentei, passando a mão na coxa dolorida.

— E o tenente Cerqueira será condecorado assim que tiver alta do hospital.

Assenti.

— Ele salvou a minha pele — disse. — É um bastardo arrogante, mas lhe devo uma. Não vejo mal algum nisso.

O delegado Tavares me encarou.

— É o segundo militar que você deixa para trás. Um preso, outro morto.

— Mais um pouco e posso fechar a cartela do bingo.

— Esse não é o tipo de atenção que acho que esteja buscando — ele comentou.

— Não estou em nenhuma cruzada — disse, o que não era totalmente verdade, mas não confiava o suficiente no delegado para discutir o caso da minha irmã. — Por acaso, os dois bandidos eram militares. Eles deveriam selecionar melhor seus oficiais.

— Esse tipo de pensamento pode lhe trazer problemas.

— Era o que meu pai me dizia, que eu sempre fora escravo das minhas ideias — disse, girando um dedo contra a têmpora. — E tenho uma persistente desde que saí da Academia da Polícia: o culpado dever ser encontrado e punido.

Tavares balançou a cabeça e apontou a porta com um gesto irritado.

— Dê o fora daqui.

— Com prazer, senhor — disse, e saí gingando e fechando a porta atrás de mim.

----- F I M -----